



**12º CONGRESSO BRASILEIRO DE  
AGROECOLOGIA**  
agroecologia na BOCA DO POVO  
20 A 23 DE NOVEMBRO DE 2023 - RIO DE JANEIRO - RJ

CADERNO

# Pró-Semiárido

## AGROECOLOGIA NA BOCA DO POVO DO SEMIÁRIDO

Resumos técnicos expandidos e Relato  
de experiência técnica apresentados no XII  
Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA)



Edição 05 . Ano 05 . Agosto/2024



# AGROECOLOGIA NA BOCA DO POVO DO SEMIÁRIDO

Resumos técnicos expandidos e Relato  
de experiência técnica apresentados no XII  
Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA)

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

GOVERNADOR **Jerônimo Rodrigues**

VICE-GOVERNADOR **Geraldo Júnior**

**SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL (SDR)**

SECRETÁRIO **Osni Cardoso**

**COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL - CAR**

DIRETOR-PRESIDENTE **Jeandro Ribeiro**

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO **Silvia Costa**

**PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO**

COORDENAÇÃO GERAL **Cesar Maynard**

SUBCOORDENADOR DE DESENVOLVIMENTO  
PRODUTIVO E DE MERCADOS **Carlos Henrique Ramos**

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO **Elka Macêdo, Aline Queiroz e Lorena Vieira**

ORGANIZADOR **Carlos Henrique Ramos**

EDIÇÃO DE CONTEÚDO **Elka Macêdo - DRT/BA-4280**

EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA **Elka Macêdo**

PROJETO GRÁFICO E REVISÃO **Imburanatec Design**

DIAGRAMAÇÃO **William França**

ILUSTRAÇÕES **CBA - 2023**

IMPRESSÃO **Gráfica JB**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Congresso Brasileiro de Agroecologia (12. : 20-23 nov. 2023 : Rio de Janeiro, RJ)

Agroecologia na boca do povo do semiárido : resumos técnicos expandidos e relato de experiência técnica apresentados no XII Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) / organização Carlos Henrique Ramos. -- Salvador, BA : Imburanatec Design, 2024. -- (Caderno pró-semiárido ; 5)

Vários colaboradores.

ISBN 978-65-996551-7-3

1. Agroecologia 2. Alimentação - Aspectos sociais 3. Feminismo 4. Mudanças climática I. Ramos, Carlos Henrique. II. Título. III. Série.

24-217999

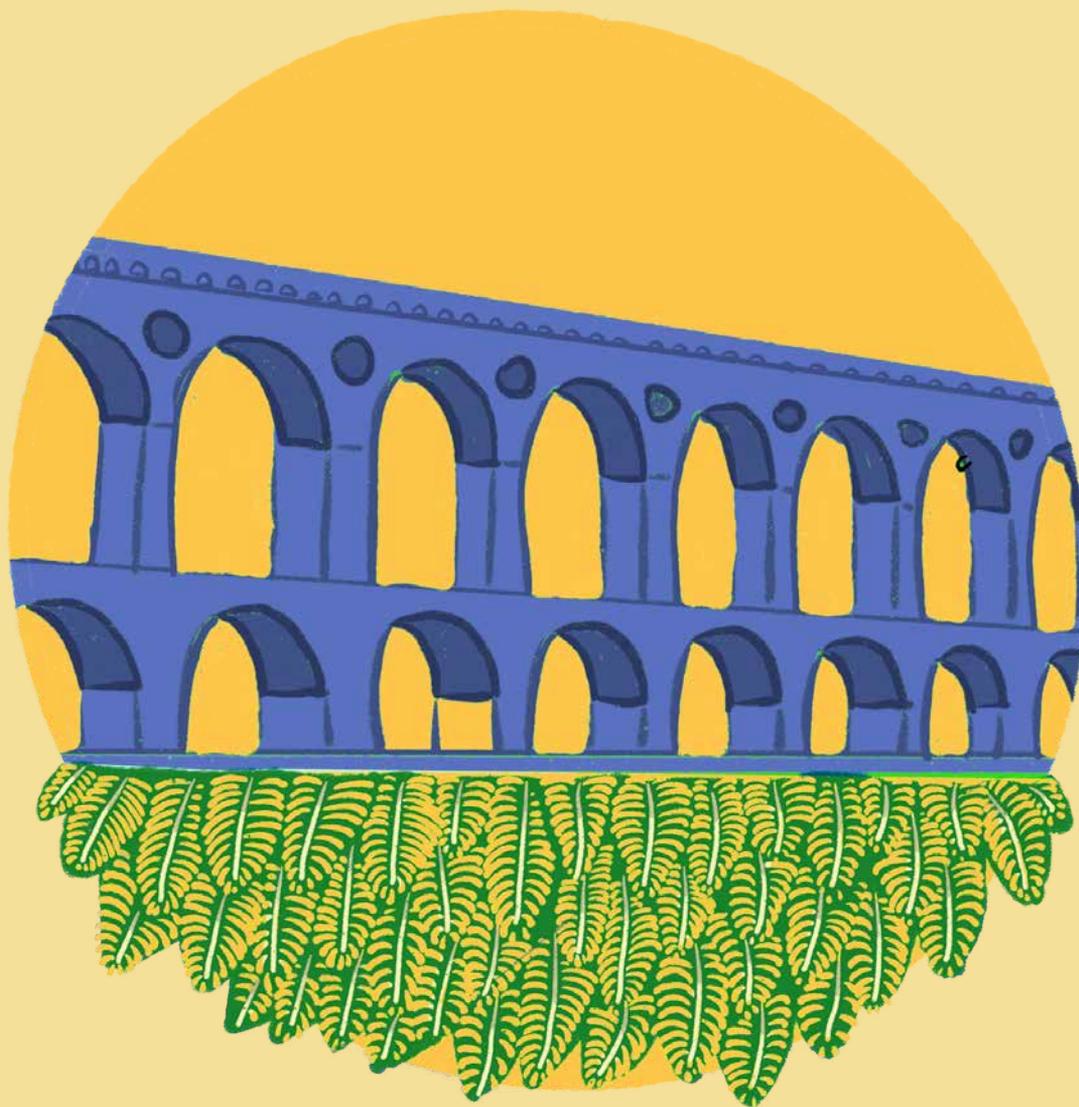
CDD-630

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Agroecologia : Agricultura 630

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



12º CONGRESSO BRASILEIRO DE  
**AGROECOLOGIA**

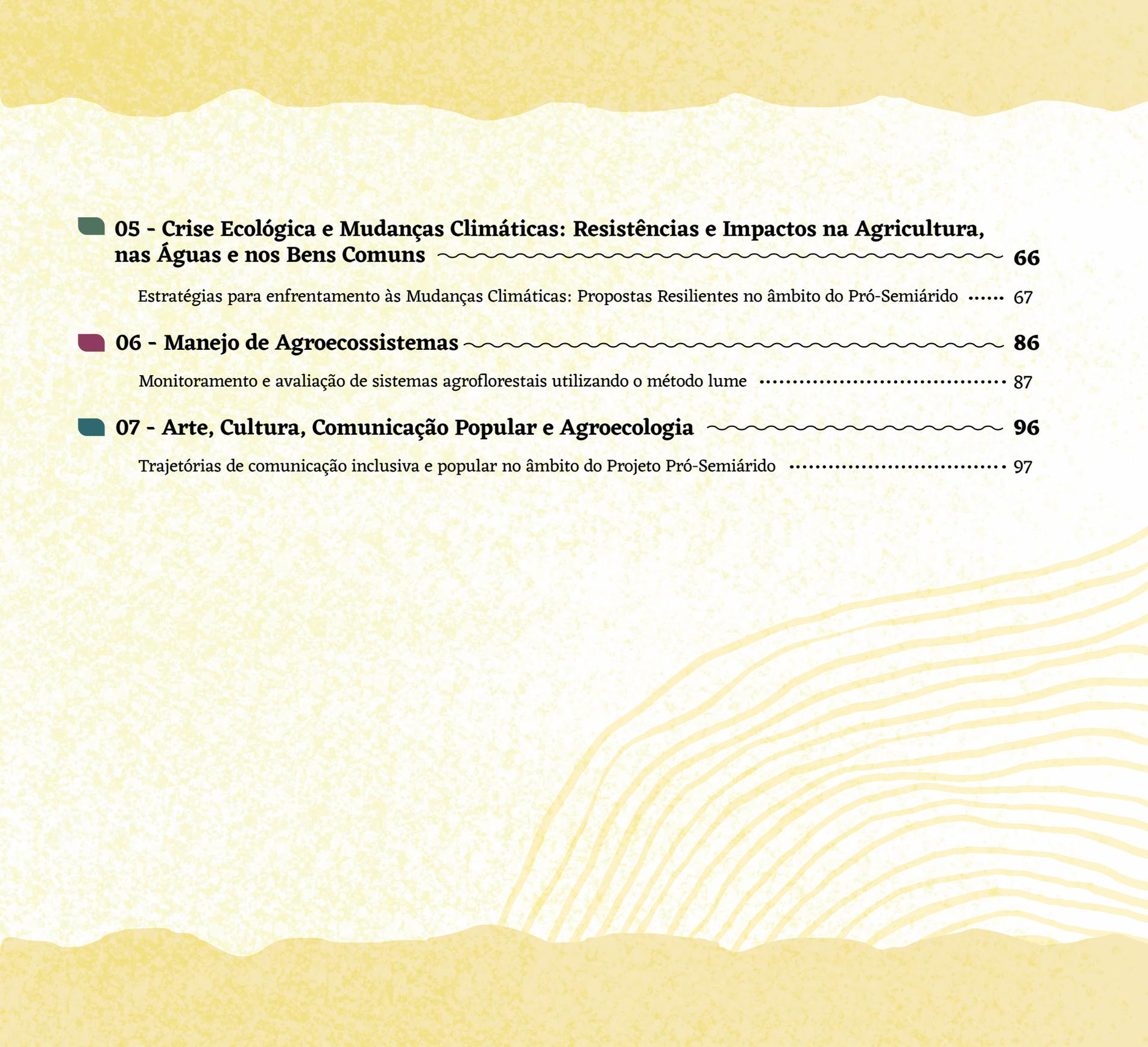
agroecologia na BOCA DO POVO

20 A 23 DE NOVEMBRO DE 2023 - RIO DE JANEIRO - RJ



# Sumário

Apresentação .....	07
Prefácio .....	08
<b>01 - Construção do Conhecimento Agroecológico</b> ~~~~~	<b>10</b>
Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido .....	11
Indicadores de Transição Agroecológica: Subsídios ao Assessoramento Técnico Contínuo no Pró-Semiárido .....	20
Anotações Zootécnicas (ANOTE) contribuindo para o desenvolvimento de uma produção animal mais sustentável .....	31
<b>02 - Gênero, Feminismos e Diversidade na Construção Agroecológica</b> ~~~~~	<b>40</b>
Mulheres agricultoras baianas e as cadernetas agroecológicas .....	41
<b>03 - Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária</b> ~~~~~	<b>50</b>
Circuitos curtos de comercialização: uma abordagem a partir do Território de Identidade Sertão do São Francisco, Bahia- Brasil .....	51
Segurança alimentar e nutricional através da produção agroecológica em horta comunitária do assentamento São Francisco - MST .....	56
<b>04 - Campesinato e Soberania Alimentar</b> ~~~~~	<b>66</b>
Feiras Agroecológicas como estratégia de organização comunitária e participativa para comercialização de produtos no âmbito do Projeto Pró-Semiárido, município de Campo Formoso – Bahia .....	67



<b>05 - Crise Ecológica e Mudanças Climáticas: Resistências e Impactos na Agricultura, nas Águas e nos Bens Comuns</b> ~~~~~	<b>66</b>
Estratégias para enfrentamento às Mudanças Climáticas: Propostas Resilientes no âmbito do Pró-Semiárido .....	67
<b>06 - Manejo de Agroecossistemas</b> ~~~~~	<b>86</b>
Monitoramento e avaliação de sistemas agroflorestais utilizando o método lume .....	87
<b>07 - Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia</b> ~~~~~	<b>96</b>
Trajetórias de comunicação inclusiva e popular no âmbito do Projeto Pró-Semiárido .....	97



Foto: Manuela Cavadas

# Apresentação

Este volume 5 da série Cadernos Pró-Semiárido é composto por 10 textos nas modalidades Relato de experiência técnica e resumo expandido (técnico-científico), aprovados e apresentados por técnicos e técnicas do Projeto no XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, que aconteceu na capital carioca no período de 21 a 23 de novembro de 2023.

Durante o evento, foram apresentadas boas práticas do Projeto em diferentes áreas do conhecimento. Portanto, nesta publicação, estão registradas sistematizações que ilustram os seguintes eixos temáticos:

- **1. Construção do conhecimento agroecológico;**
- **2. Sistemas agroalimentares e economia solidária;**
- **3. Campesinato e soberania alimentar;**
- **4. Crise ecológica e mudanças climáticas;**
- **5. Gênero, feminismos e diversidades na construção agroecológica;**
- **6. Manejo de Agroecossistemas;**
- **7. Arte, cultura, comunicação popular e agroecologia.**

As inovações do Pró-Semiárido têm sido compartilhadas nas últimas três edições do Congresso, que é uma iniciativa da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), e tem sido uma oportunidade de fazer a gestão do conhecimento a partir do acúmulo do Projeto, bem como de conhecer outras experiências que podem contribuir com o trabalho que já vem sendo desenvolvido no Semiárido da Bahia.

A seguir, você vai conhecer boas práticas de temas como Cadernetas Agroecológicas, feiras, Reaatingamento, comunicação e metodologias de Assessoramento Técnico Contínuo (ATC). Todos os textos estarão inclusos também na série Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - v. 19, n. 1, 2024.

# Prefácio

À sombra de uma árvore frondosa da Caatinga, num quintal florido no Semiárido da Bahia, acontece mais uma roda de aprendizagem do Projeto Pró-Semiárido. A cena se repetiu mais de 8.000 vezes, em centenas de comunidades rurais do norte do estado, desde 2016, quando esta iniciativa do governo do Estado da Bahia cofinanciada pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) começou a ser executada pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) em parceria com 11 organizações da sociedade civil.

Neste caderno com os trabalhos apresentados no 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia, uma entre as muitas publicações do projeto, vamos conhecer riquezas do Semiárido baiano, lindos frutos desses anos de caminhada das comunidades participantes do projeto, colhidos graças à labuta diária de famílias agricultoras de comunidades de fundo de pasto, quilombolas, indígenas e pescadoras que, por decisão do governo da Bahia em seus esforços de erradicação da pobreza e da fome, tiveram Assessoria Técnica Contínua (ATC) de organizações que já atuavam junto às comunidades promovendo inovações e fortalecendo as organizações comunitárias e redes de cinco dos 27 territórios de identidade da Bahia.

Este Caderno resulta de uma orientação estratégica da coordenação do Pró-Semiárido de refletir sobre as práticas impulsionadas pelo projeto, promover processos continuados de formação de agricultores e agricultoras e das equipes de assessoria, e sistematizar e comunicar seus aprendizados. Para isso, criaram o Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido (NEACS), referência importante para as pessoas e instituições interessadas em estudar e promover o desenvolvimento rural com base nos princípios da agroecologia.

O Pró-Semiárido já é reconhecido como um dos projetos de desenvolvimento rural mais inovadores do mundo. Suas ações nas comunidades e territórios rurais, inspiradas nas ideias de Paulo Freire, resultaram em inovações sociotécnicas que melhoraram a qualidade de vida e a renda das famílias, fortaleceram as mulheres na defesa dos seus direitos, mobilizaram jovens, promoveram autonomia e segurança alimentar e nutricional, aumentaram e diversificaram a produção agroecológica destinada a diferentes mercados territoriais, recuperaram a caatinga, contribuíram para enfrentar os desafios das mudanças climáticas.

Com o tempo, outras pesquisas abrangentes vão estudar em detalhes todos esses resultados e, ao procurar entender os vetores de inovações consistentes e duradouras em campos tão variados, encontrarão no vasto acervo do projeto uma estratégia bem formulada e executada com competência e abordagens metodológicas inovadoras. O Pró-Semiárido fortaleceu a política de desenvolvimento territorial da Bahia ao construir os planos de desenvolvimento e investimento do território rural, constituir grupos de interesse e rodas de aprendizagem, investir no trabalho de Agentes Comunitários Rurais (ACRs) e proporcionar apoio financeiro para inovações e tecnologias sociais ajustadas às demandas e potencialidades cuidadosamente estudadas pelas equipes de assessoria.

Avançou ainda em sistematizar experiências e práticas, adotar as cadernetas agroecológicas das mulheres, organizar a ciranda infantil para envolver as crianças nas atividades e garantir a participação das mulheres e propor novas metodologias para seguir trabalhando durante a pandemia de COVID-19. Tudo isso construído em ambientes de diálogo entre as equipes da CAR e de outros órgãos do governo estadual com as entidades de assessoria e as organizações das comunidades.

O Brasil viveu, entre 2016 e 2022, um desmonte acelerado de políticas públicas federais para a agricultura familiar e para a promoção da segurança alimentar e nutricional. Desde 2023, com os esforços de reconstrução de diversas políticas públicas, os aprendizados do Projeto Pró-Semiárido precisam ser conhecidos e valorizados. Precisamos investir em políticas e programas públicos orientados pelos princípios da agroecologia que articulam apoio material à produção, beneficiamento e comercialização da agricultura familiar ao fortalecimento das redes multiatores nos territórios.

E por isso, programas que investem de forma tão consistente na construção do conhecimento agroecológico e no fortalecimento do capital social dos territórios, como o Pró-Semiárido, merecem reconhecimento e toda a nossa atenção. Suas abordagens metodológicas são inovadoras e seus resultados consistentes, como evidenciam os artigos que temos a alegria de ler e os sorrisos das agricultoras e dos agricultores que temos o prazer de ver no Caderno Agroecologia na Boca do Povo do Semiárido.

Curtam a leitura!

**Denis Monteiro**

Agrônomo na AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia  
Doutor em Ciência, Tecnologia e Inovação na Agropecuária

Foi secretário executivo da Articulação Nacional de Agroecologia entre 2009 e 2021 e membro da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica entre 2012 e 2018

# 01

## Construção do Conhecimento Agroecológico



A agricultora Rosinaide de Jesus da comunidade Riachão, município de Filadélfia (BA), junto com a técnica de ATC, da entidade parceira Cactus, Ludmila de Santana. Foto: Manuela Cavadas.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

### Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido

*Center for studies in agroecology and coexistence with the semi-arid*

RAMOS, Carlos Henrique de Souza<sup>1</sup>.

### RESUMO

Este relato tem por objetivo abordar a criação e implementação do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido (NEACS) como processo de formação continuada de técnicos e agricultores no âmbito do Pró-Semiárido, projeto executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) com recursos provenientes do Governo do Estado da Bahia, por meio de acordo de financiamento junto ao Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). A agroecologia tem servido de base para a construção de uma cultura de convivência no Semiárido, mediante a instituição de um Assessoramento Técnico Contínuo (ATC) calcado em enfoques pedagógicos construtivistas e de comunicação horizontal. A aferição dos resultados se deu mediante a utilização de indicadores capazes de demonstrar seus avanços rumo à transição agroecológica em temas fundamentais como biodiversidade, relações sociais associativas e com o mercado, construção do conhecimento agroecológico, manejo da água, das culturas, da criação e dos solos.

**Palavras-Chave:** Estudos Agroecológicos; Extensão Rural; Agricultura Familiar; Transição Agroecológica.

**Keywords:** *Agroecological Studies; Rural Extension; Family Farming; Agroecological Transition.*

---

<sup>1</sup>Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional - CAR, chenriquemos@yahoo.com.br.

## CONTEXTO

O Projeto atua em 115 Territórios Rurais de 32 municípios do Semiárido baiano, localizados na região norte do estado e que foram escolhidos considerando os elevados níveis de pobreza e exclusão social, de acordo com distintos indicadores. O Projeto priorizou a população rural mais pobre dentro dos municípios selecionados e, dentro deles, os pequenos estabelecimentos agropecuários que dependem das dinâmicas familiares para a realização de suas atividades produtivas, visando potencializar os papéis desempenhados por cada um de seus membros e dando prioridade às mulheres e jovens.

A ação do Projeto seguiu o roteiro metodológico de planejamento participativo, com ênfase na definição e implementação de Planos de Investimento do Território Rural (PITR). Esses planos foram os principais instrumentos de implementação do Projeto e também permitiram a construção de sinergias com outros projetos, programas ou iniciativas que possibilitem a ampliação das suas atividades. A estratégia de elaboração dos projetos orientou-se pela racionalidade da agricultura familiar, incorporando elementos do manejo tradicional de recursos, ao mesmo tempo em que recorreu à prática constante da experimentação, onde o saber local e o saber externo se encontraram para construir um conhecimento novo e gerar novas tecnologias sociais adaptadas à realidade local em interação horizontal com o conhecimento científico.

A utilização do conhecimento local, vinculado aos sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais, foi uma característica central para o enfoque agroecológico de desenvolvimento rural, no sentido de aportar soluções sustentáveis para os Territórios Rurais integrantes do Pró-Semiárido.

Os investimentos objetivaram a melhoria da produção de alimentos básicos das unidades produtivas, fortalecendo e enriquecendo a dieta alimentar das famílias, envolvendo a valorização de produtos tradicionais e a conservação de germoplasma de variedades cultivadas locais, bem como a preparação para alcançar o mercado em função das potencialidades e oportunidades locais.

**A incorporação de referências ecológicas e ambientalistas na formulação de modelos e de práticas agrícolas colocou ao menos três objetivos ou missões principais à formulação de propostas de intervenção no Pró-Semiárido:**

- **1. A luta contra a degradação dos agroecossistemas;**
- **2. A construção de novas regras disciplinares para o sistema agroalimentar;**
- **3. A promoção de práticas mais adequadas à preservação dos recursos naturais e à produção de alimentos mais saudáveis.**



A agricultora Luzia Rodrigues, comunidade Fartura em Sento Sé (BA), recebendo assessoramento técnico. Ao seu lado o técnico da entidade parceira, Irpaa, Bruno Gonçalves. Foto: Fábio Arruda

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A formação continuada da equipe técnica e dos agricultores aconteceu mediante a instituição do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido (NEACS) no âmbito de todo o Pró-Semiárido. Partiu do princípio de que a construção do conhecimento agroecológico se constitui em processo contínuo frente a uma realidade dinâmica, requerendo do ser humano evolução e construção permanentes (RAMOS et al., 2019). O NEACS envolveu 11.275 agricultores, destes 59,29% constituídos por mulheres e 15,46% por jovens. A equipe técnica foi composta por 115 Técnicos em Agropecuária de nível médio e 20 técnicos com formação em Ciências Agrárias de nível superior, integrantes das onze organizações governamentais executoras da Assessoria Técnica Contínua (ATC).

A perspectiva do Projeto foi a de construir um processo formativo de técnicos e das famílias agricultoras que possibilitasse alternativas para bem viver no campo, valorizando os saberes, a cultura e a realidade local. A educação se traduz por um processo que acontece nas diversas esferas da sociedade, seja na família, no grupo de amigos, nos movimentos sociais, na escola, na comunidade. Na maioria das vezes, a educação que faz sentido em um determinado contexto não se aprende na escola. Um processo educativo que realmente dialoga com a realidade do Semiárido implica ter como pressuposto básico uma concepção de educação que não se restringe ao aprendizado de conteúdo específico transmitido através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico.

Foi posto em prática um processo formativo assentado numa relação dialógica construída mediante a interação dos sujeitos nas comunidades e Territórios Rurais, na perspectiva de que todos os sujeitos ensinassem e aprendessem a partir da reflexão sobre a realidade. Para conviver com a região semiárida, é preciso compreender os processos sociais e apropriar-se das alternativas que o meio oferece. E isso reflete a luta pela educação contextualizada para convivência com o Semiárido que, ao lado da produção de alimentos, da terra, da liberdade e da cultura, busca outro modo de educar as pessoas.

### **O Núcleo foi formado com quatro instâncias demonstradas a seguir:**

- 1. Os Encontros Agroecológicos, com a discussão de temas relevantes de interesse para a operacionalização do Pró-Semiárido, bem como a troca de experiências entre todas as entidades que prestam o serviço de ATC.**
- 2. Os Dias de Estudo, realizados entre técnicos, visando a preparação da equipe de ATC para as Rodas de Aprendizagem programadas com os agricultores dos diversos grupos de interesse de cada Território Rural, bem como a escolha, leitura e discussão de bibliografia relativa às demandas temáticas**

dos diversos grupos de interesse, à luz das atividades financiadas pelos PITRs, e a preparação das diversas Rodas de Aprendizagem a serem desenvolvidas em cada Território Rural com cada grupo de interesse formado pelos agricultores.

- 3. As Rodas de Aprendizagem, por sua vez, compreendem círculos de pesquisa com temática específica, conduzidas pelo técnico, que exerce o papel de instigador e educador, com o objetivo de levar os agricultores a refletirem de forma crítica sobre o tema e sobre a sua prática, mediante um roteiro que traga uma sequência de perguntas e questões norteadoras, registro escrito e fotográfico para elaboração do relato da experiência.
- 4. Encontros Trimestrais de Avaliação, Formação e Programação, com a apresentação de relatos de experiências desenvolvidas com os agricultores.

Essa concepção pedagógica da assessoria foi concretizada em instrumentos metodológicos inovadores, dentre os quais destacam-se as “rodas de aprendizagem” e os “relatos de experiência”. A criação de “grupos de interesse” nos territórios rurais, envolvendo agricultores e agricultoras, foi também um procedimento importante para conferir um caráter sistemático aos processos de inovação sociotécnica promovidos pelo Projeto Pró-Semiárido (PETERSEN, 2022).

## RESULTADOS

O exercício da ATC desenvolvida no seio do NEACS foi desvinculado da concepção histórica da extensão rural, difusionista por excelência, e deu lugar a uma prática social baseada na “aprendizagem”, isto é, na construção de saberes adequados para impulsionar estilos de agricultura e manejo dos recursos naturais capazes de estabelecer patamares crescentes de sustentabilidade. Dessa forma, o Pró-Semiárido pretendeu contribuir com a transição agroecológica, entendida como um processo gradual e multilinear de mudança que ocorre ao longo do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas. Para PETERSEN (2022), a incorporação dessa pedagogia crítica para a capacitação das equipes técnicas foi orientada



Acesse o vídeo que traz depoimentos de técnicos e agricultores sobre a ATC no Pró-Semiárido.



pelo objetivo de incorporar as abordagens inovadoras de assessoria às famílias e organizações locais da agricultura familiar. Um objetivo central exercitado no âmbito do NEACS foi o desenvolvimento de “uma nova cultura de registro”, com a finalidade de orientar processos de sistematização de experiências e a criação de ambientes de análise crítica sobre as dinâmicas de transformação socioecológica e econômica nos diferentes contextos territoriais de incidência do Projeto Pró-Semiárido.

Por tratar-se de um processo de evolução contínuo e crescente no tempo e por depender da intervenção humana, a transição agroecológica implica não somente na busca de uma maior racionalização econômico-produtiva, com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também em uma mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais.

A utilização desse conjunto mínimo de indicadores abaixo não pretende esgotar todas as possibilidades de aferição das conquistas e resultados que a ATC vem implementando no sentido da transição agroecológica no Pró-Semiárido, mas de fato procura aguçar as possibilidades de aprendizagem da equipe nos diversos aspectos sugeridos em cada indicador. Frente ao cenário encontrado, o Pró-Semiárido vinculou à sua estratégia de intervenção um serviço de ATC que fez uso de diversos instrumentos e ferramentas agroecológicas sob a égide do NEACS e que tem nos Indicadores de Transição Agroecológica (ITA) uma das mais importantes.

No gráfico 1, abaixo, é possível visualizar o número de agricultores atendidos pela ATC e que passaram a incorporar estratégias de transição agroecológica conforme demonstram os grupos de indicadores. Essas sete dimensões de ITA agrupam quarenta e quatro indicadores de transição agroecológica, que demandaram uma conceituação teórica e prática com a finalidade de permitir a consulta e o estudo dos usuários, de forma anterior à utilização das ferramentas (RAMOS e MORAES, 2020).

No grupo relativo à **(I) Biodiversidade**, com adesão de 16,1% dos agricultores, obteve destaque o indicador referente à atenção às sementes crioulas.

No grupo de indicadores que representam o **(II) Manejo de Solos**, com a anuência de 20,5% das famílias, sobressaíram-se a cobertura de solos e a produção de insumos fertilizantes.

No grupo **(III) Manejo da Criação**, onde 15,9% das famílias se envolveram, a maior aderência dos agricultores foi nos indicadores de Manejo Alimentar e Sanitário.

Em **(IV) Relações Sociais Associativas e com o Mercado**, constatou-se que 15,5% evidenciaram o incremento das rendas monetárias e não monetárias das famílias.

No conjunto de indicadores associados ao **(V) Manejo de Água**, 8,4% das famílias evidenciaram a representatividade do indicador que demonstra o estoque de água para a produção nas unidades familiares após a intervenção do Projeto.

As rodas de aprendizagem foram expressivas no grupo que afere a **(VI) Construção do Conhecimento Agroecológico**. Em 8.208 rodas executadas, foi notória a interferência direta nos demais indicadores de transição agroecológica.

Finalmente, no **(VII) Manejo de Culturas**, foi bastante relevante o indicador que expressa o controle biológico de predadores e parasitas.



Agricultor Claudiomário Rodrigues (Kadi) com o Técnico em Desenvolvimento Produtivo da CAR/Pró-Semiárido, Victor Leonam. Comunidade Fartura, Sento Sé (BA). Foto: Fábio Arruda

As construções de novos conhecimentos pelas famílias agricultoras nas rodas de aprendizagem ocorreram de forma cíclica, através da assimilação de novas situações a partir da reflexão e experimentação. Cada roda de aprendizagem não se encerra em si mesma; não possui a capacidade de esgotar a problematização de cada tema. Novas rodas sempre serão necessárias para aprofundar os temas discutidos ou para lidar com novos assuntos.

## PRÓ-SEMIÁRIDO

Nº DE AGRICULTORES POR GRUPO DE INDICADORES DE TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA  
PERÍODO: JUN/2019 A JUN/2022

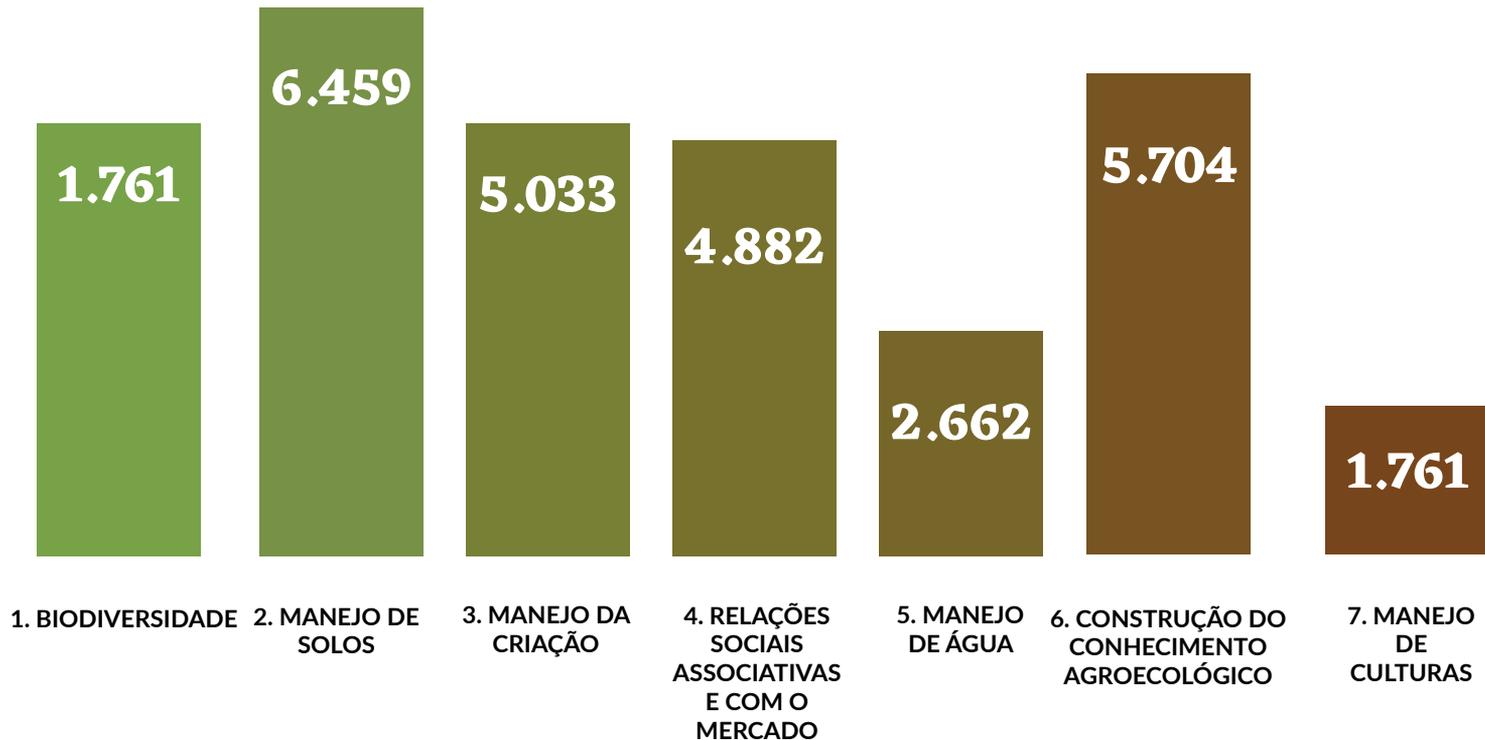


Gráfico 1 – Comportamento dos Grupos de Indicadores de Transição Agroecológica em três anos.

O processo histórico de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) aponta mudanças não apenas nos enfoques temáticos do desenvolvimento rural, mas principalmente na superação do paradigma tradicional da relação vertical entre equipe técnica e agricultor (sujeito-objeto). Busca-se estabelecer uma nova relação democrática e emancipadora (sujeito-sujeito). O quadro de crise econômica e socioambiental, desencadeado pelos modelos de desenvolvimento baseados na Teoria da Difusão de Inovações e nos conhecidos pacotes da "Revolução Verde", precisa ser efetivamente superado e substituído por novos procedimentos teóricos, metodológicos e práticos que promovam o desenvolvimento rural sustentável, a autonomia das populações rurais e o fortalecimento da cidadania. Para isso, é essencial desenvolver processos educativos que estimulem a construção da consciência crítica dos sujeitos, permitindo uma compreensão cada vez mais profunda de sua realidade e, assim, maior capacidade de ação, acesso e apropriação dos conhecimentos, além da organização coletiva.



Roda de Aprendizagem com agricultores de Casa Nova (BA). Condução feita pela técnica do Sajuc, Dulce Naiara. Foto: Fábio Arruda

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PETERSEN, P. et al. **Luzes do Sertão: trajetória de emancipação social na agricultura familiar do semiárido da Bahia: efeitos do Pró-Semiárido**. Organização de Paulo Petersen. 3. ed. Juazeiro: AS-PTA, 2022. 164 p. ISBN 978-65-996551-11-1.

RAMOS, C. H. de S. et al. **Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido – NEACS – Capitalização de Experiência**. Salvador: 2020. 124 p. ISBN 978-65-99143-00-7.

RAMOS, C. H. de S.; MORAES, V. L. A. **Indicadores de Transição Agroecológica: subsídios ao assessoramento técnico contínuo – Capitalização de Experiência**. Salvador: Hasta La Luna, 2019. 100 p. ISBN 978-85-96685-02-0.

## RESUMO EXPANDIDO

### Indicadores de Transição Agroecológica: Subsídios ao Assessoramento Técnico Contínuo no Pró-Semiárido.

*Agroecological Transition Indicators: subsidies for Continuous Technical Assistance in the Pró-Semiárido.*

MORAES, Victor Leonam Aguiar<sup>1</sup>; RAMOS, Carlos Henrique de Souza<sup>2</sup>; AMARANTE, Emanuel Freitas<sup>3</sup>, RIBEIRO, Bruna Silva<sup>4</sup>, AMIM, Sérgio Luis<sup>5</sup>.

## RESUMO

O trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projeto Pró-Semiárido, que atua em 32 municípios do Semiárido da Bahia, com o objetivo de construir indicadores de transição agroecológica, possíveis de mensurar seus resultados. Para a construção dos indicadores, foi utilizado o espaço do NEACS – Núcleo de Estudo em Agroecologia e Convivência com o Semiárido, com um universo de 150 técnicos em 11 oficinas, permitindo a construção de 44 indicadores subdivididos em 7 grupos. Essa movimentação permitiu aferir resultados como 31.388 intervenções de avanços em transição agroecológica, com destaque para os grupos de Manejo do Solo e Construção do Conhecimento Agroecológico. Além disso, foi possível a construção de uma ferramenta no Microsoft Excel e de um caderno com subsídios. Os resultados demonstram a viabilidade de instrumentos de base agroecológica como geradores de conhecimento, bem como no monitoramento e avaliação dos trabalhos da assessoria técnica de base agroecológica.

**Palavras-Chave:** Gestão do Conhecimento; Assessoramento Técnico; Indicadores.

**Keywords:** Knowledge Management; Technical Advice; Indicators.

---

<sup>1</sup>CAR/SDR Bahia, victorleonam@gmail.com; <sup>2</sup>CAR/SDR Bahia, chenriquemos@yahoo.com.br; <sup>3</sup>CAR/SDR Bahia, emanueelfreitas@car.ba.gov.br; <sup>4</sup> Pró-Semiárido, brlumma@gmail.com; <sup>5</sup>CAR/SDR Bahia, sergioamim@car.ba.gov.br.

## INTRODUÇÃO

A Assessoria Técnica Contínua – ATC sugerida pelo Pró-Semiárido defende o respeito aos distintos modos de vida e às diferentes culturas, favorecendo a preservação da biodiversidade. A ATC em curso, apoiada pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido – NEACS, postula a compreensão de que os agricultores tradicionais estão submetidos a um contexto específico e que o assessoramento a essa categoria de trabalhadores ocorre através da instalação de processos de aprendizagem contínua de técnicos e agricultores, experimentação e erro, mediados pelo conhecimento de processos biológicos e sociais presentes nos Territórios Rurais - TR. Portanto, a construção dos Indicadores de Transição Agroecológica - ITA e os resultados alcançados permitiram a construção coletiva do conhecimento agroecológico.

Por tratar-se de um processo de evolução contínuo e crescente no tempo e por depender da intervenção humana, a transição agroecológica implica não somente na busca de uma maior racionalização econômico-produtiva, com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e à conservação dos recursos naturais (CAPORAL e COSTABEBER, 2010). Assim, as ações do NEACS têm motivado a criação de metodologias e ferramentas que auxiliam a equipe na sua complexa e edificante tarefa de assessorar as famílias agricultoras rumo à transição agroecológica nos seus Territórios Rurais (RAMOS et al., 2019).



Agricultora Aline Duarte de Oliveira, comunidade Caraíbas, município de Umburanas (BA). Foto: Manuela Cavadas

Portanto, a construção dos Indicadores de Transição Agroecológica e os resultados alcançados tiveram como objetivo subsidiar a assessoria técnica no âmbito do Pró-Semiárido, aprimorar o trabalho nos diversos temas que permitissem uma transição, planejamento estratégico e monitoramento do trabalho da assessoria técnica, além de documentar os avanços e conquistas da ATC. A construção deste documento e das ferramentas consiste em mais um resultado prático do NEACS.

O Pró-Semiárido, Projeto coordenado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), com recursos provenientes do Governo do Estado da Bahia, mediante acordo de financiamento junto ao Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), tem a sua área de atuação localizada nas áreas rurais de trinta e dois municípios do Semiárido da Bahia, situados na região norte do Estado.

## METODOLOGIA

A construção metodológica dos Indicadores de Transição Agroecológica (ITA) parte da premissa de que a concepção de um sistema de indicadores de desempenho deve considerar as características e diversidades locais (WISNER, 1994). O ambiente de construção se deu no âmbito do Projeto Pró-Semiárido, composto por municípios do Semiárido baiano. Teve como mediadores a equipe técnica do Projeto – composta pelas 10 entidades da sociedade civil prestadoras do serviço de ATC – e as famílias agricultoras participantes do Projeto.

O trabalho foi conduzido em quatro etapas:

**Primeira etapa:** Coleta de dados secundários por meio da revisão dos documentos do Pró-Semiárido, informações e conceitos das ferramentas e metodologias já trabalhadas, como a ISA (FERREIRA, 2012), LUME (PETERSEN, 2017) e PITR (RAMOS, 2016), permitindo a formulação dos parâmetros.

**Segunda etapa:** Realização de oficinas e rodas de aprendizagem por meio do NEACS. Caracterizou-se pela construção dos indicadores através da observação participante e da utilização de metodologias participativas (SALDANHA, 2017), em onze oficinas que envolveram 150 pessoas da equipe técnica. Foram construídos documentos pelos participantes, utilizando as seguintes perguntas norteadoras:

**(1) Quais as conquistas e avanços da ATC para a transição agroecológica?**

**(2) Quais as estratégias da ATC para uma transição agroecológica?**

**Terceira etapa:** Organização dos dados, formulação e caracterização dos indicadores, e, por último, levantamento de todos os dados por meio da triangulação de forma quantitativa e qualitativa para mensurar as informações conforme critérios estabelecidos.

Foram utilizadas as seguintes características norteadoras:

1. **Ser significativo para a avaliação do sistema;**
2. **Ter validade, objetividade e consistência;**
3. **Possuir coerência e sensibilidade a mudanças ao longo do tempo;**
4. **Centrado em aspectos práticos e claros, de fácil entendimento, contribuindo para a participação da população local no processo de mensuração;**
5. **Permitir um enfoque integrador, ou seja, fornecer informações condensadas sobre vários aspectos, facilitando a relação com outros indicadores e a interação entre eles (DEPOINT, 2002).**

Desta forma, foram formulados 44 indicadores distribuídos em 07 grupos:

1. **Biodiversidade;**
2. **Manejo do solo;**
3. **Manejo da criação;**
4. **Relações associativas e com o mercado;**
5. **Manejo de água;**
6. **Construção do conhecimento agroecológico;**
7. **Manejo de culturas.**

**Quarta etapa:** Formulação de ferramentas e de caderno. Foram elaboradas duas ferramentas em Microsoft Excel com a finalidade de inserir informações qualitativas inerentes aos indicadores, quantificar as atividades realizadas pela ATC por indicador e representar os resultados em gráficos para subsidiar a análise da transição agroecológica. Permitindo, assim, o levantamento dos resultados, observando os avanços dos indicadores por 12 trimestres, correspondendo a 3 anos. Além disso, foi elaborado um caderno com a caracterização dos 44 indicadores, descrição da metodologia e guia de utilização das planilhas (RAMOS e MORAES, 2020).

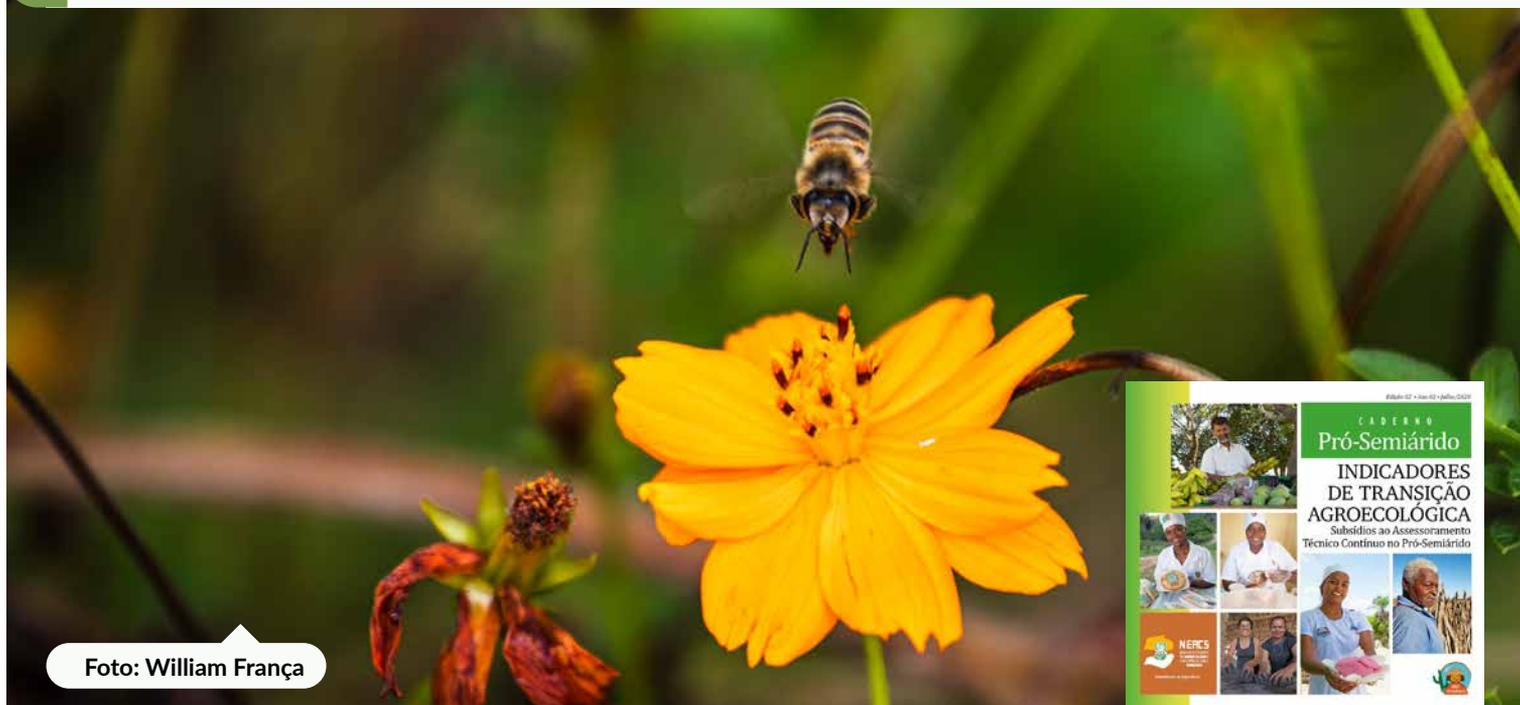


Foto: William França



Acesse a publicação Caderno Pró-Semiárido - Indicadores de Transição Agroecológica: Subsídios ao Assessoramento Técnico Contínuo no Pró-Semiárido.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pretendeu-se, com a construção dessa ferramenta de base agroecológica, proporcionar à equipe técnica do Pró-Semiárido a capacidade de avaliar intervenções e avanços da ATC na transição agroecológica, utilizando-se de 44 indicadores compostos em 7 grupos temáticos. O objetivo foi contribuir no planejamento estratégico, no monitoramento do trabalho da assessoria técnica e no subsídio para o NEACS. A dinâmica se deu de forma trimestral e permitiu o crescimento do conhecimento das equipes técnicas e nivelamento nas temáticas trabalhadas com os agricultores.

Em 3 anos de coleta e análise, foram computadas 31.568 intervenções de avanços de transição agroecológica, com uma média de 276,2 por Território Rural ou 23 intervenções por trimestre em cada TR, correspondendo a 32% do plano de trabalho trimestral da ATC. Isso demonstra o processo de estudo e diálogo da assessoria técnica de base agroecológica, permitindo a construção de conhecimento agroecológico comum, resultando em um número expressivo de atividades que geraram transformações.

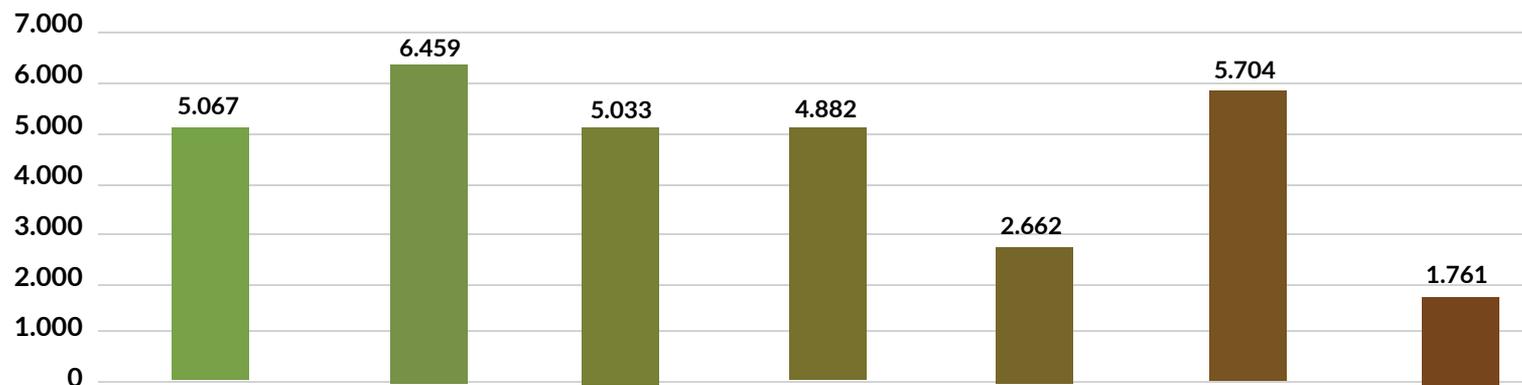
Outro número importante é relacionado às rodas de aprendizagem, das 8.208 presentes nos planos de trabalho da ATC, 24,6% apresentaram resultados na transição agroecológica. Portanto, abordagens metodológicas de ATER, orientadas a reconhecer e dinamizar redes sociotécnicas de aprendizagem, proporcionam a construção de conhecimento horizontalizado (PETERSEN, 2022).

Pode ser observado no gráfico 01 alguns destes resultados entre os indicadores, como o grupo de indicadores de "Manejo do Solo" que teve o melhor resultado, com 6.459 intervenções. Destacaram-se os indicadores ligados ao manejo ecológico do solo, cobertura do solo e produção de insumos e fertilizantes, evidenciando que práticas conservacionistas do solo e a recomposição da fertilidade promovem a manutenção da capacidade produtiva dos solos e a preservação ambiental, garantindo esse recurso natural essencial às gerações futuras (ALCÂNTARA, 2017).

Com 5.704 intervenções, o grupo "Construção do Conhecimento Agroecológico" apresentou indicadores ligados às rodas de aprendizagem, trabalho de gênero e segurança alimentar. Desta forma, reforça a importância de, em projetos de base agroecológica, direcionar destaque à equidade de gênero e à segurança alimentar, pois esses temas são frequentemente negligenciados em programas de desenvolvimento rural (PETERSEN, 2022).

Outros três grupos apresentaram números estáveis de intervenções, como mostra o gráfico 01. O grupo "Biodiversidade", com destaque para a utilização de recursos naturais e sementes crioulas, traduz duas grandes ações do Pró-Semiárido através da temática das mudanças climáticas, incluindo projetos com sementes crioulas e tecnologias ambientais como o Reaatingamento.

## NÚMERO DE AVANÇOS



TOTAL 31.568	1. BIODIVERSIDADE	2. MANEJO DE SOLOS	3. MANEJO DA CRIAÇÃO	4. RELAÇÕES SOCIAIS ASSOCIATIVAS E COM O MERCADO	5. MANEJO DE ÁGUA	6. CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO	7. MANEJO DE CULTURAS
	5.067	6.459	5.033	4.882	2.662	5.704	1.761

Gráfico 01 – Comportamento dos grupos ITA em relação ao número de intervenções de avanços de transição agroecológica, em 03 anos.

No grupo "Manejo da Criação", o destaque foi para os indicadores de escrituração zootécnica, manejo alimentar e sanitário dos rebanhos. Esses resultados refletem a eficácia da ferramenta "Anote", construída pelo Pró-Semiárido, que permitiu aos criadores, por meio de anotações e da assessoria técnica, expressar bons resultados. Já no grupo "Relações Associativas e com o Mercado", o destaque foi para a inserção em processos de certificação e renda monetária e não-monetária, resultado possível pela ação junto à certificação orgânica participativa e mercados de ciclo curto.

Com menos intensidade, os grupos de "Gestão da Água" (2.662 intervenções) e "Manejo de Plantas" (1.761 intervenções) tiveram focos específicos, como as tecnologias de saneamento básico rural para reuso agrícola e cisternas e barreiros para captação de água de chuva. Além disso, houve processos formativos sobre controle agroecológico de predadores e parasitas e a alelopatia, conforme ilustrado no gráfico 01.



Diferentes preparos naturais utilizados para combater pragas. Foto: Manuela Cavadas

Com a finalidade de ajudar a ATC no plano de estudo do NEACS e superar as temáticas invisíveis no trabalho da assessoria técnica nos Territórios Rurais (TR), os resultados do 1º período (ano 01) e do 12º período (ano 03), mostrados no gráfico 02, revelam que temas inicialmente não dominados pela ATC passaram a ter maior importância nos dias de estudo e, conseqüentemente, nas intervenções junto aos agricultores.

Destacam-se "Relações Associativas e com o Mercado", com aumento de 300% em três anos, "Manejo de Culturas", com aumento de 240%, e "Construção do Conhecimento Agroecológico", com aumento de 203%. Esses dados, quando comparados ao 1º ano, que apresentava "Manejo da Criação" com maior número de intervenções de transição, mostram um aumento de apenas 79%, indicando estabilidade, mas mantendo um patamar elevado. Assim, a ITA se visibiliza como ferramenta metodológica capaz de contribuir no planejamento, monitoramento e mensuração dos resultados da ATC.

Os resultados demonstram que a transição agroecológica, quando trabalhada com instrumentos que estimulam e apoiam o crescimento da agroecologia junto a uma assessoria técnica integrada à temática, evidenciam

duas afirmativas: a agroecologia não diz respeito apenas a uma estratégia produtiva vinculada à ecologização do agroecossistema, mas também, sobretudo, ao respeito à vida e seus ciclos, somada à busca de instrumentos que possam medir seus resultados e subsidiar decisões (Gonçalves, 2021). Podemos afirmar, por fim, que os Indicadores de Transição Agroecológica se mostraram uma ferramenta capaz de promover a avaliação e o monitoramento do trabalho da Assessoria Técnica Contínua – ATC, garantindo o nivelamento dos trabalhos nos diversos temas abordados, assim como a construção do conhecimento agroecológico.

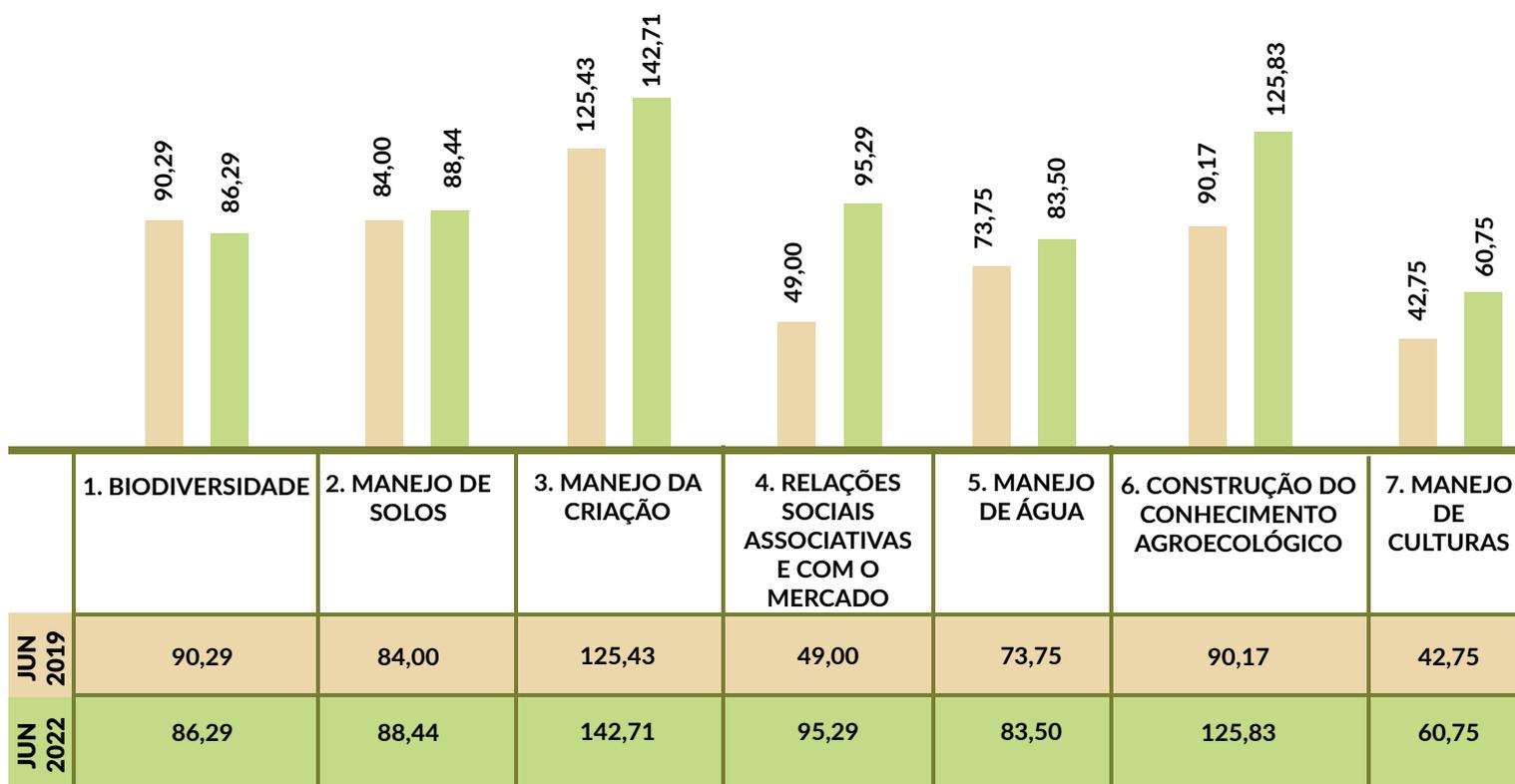


Gráfico 02 - Comportamento dos grupos ITA em relação ao número de intervenções de avanços de transição agroecológica, no 1º período (2019) e no 12º período (2022).

Podemos afirmar, por fim, que os Indicadores de Transição Agroecológica se mostraram uma ferramenta capaz de promover avaliação e monitoramento do trabalho da Assessoria Técnica Contínua (ATC), garantindo o nivelamento dos trabalhos nos seus diversos temas, assim como a construção do conhecimento agroecológico.



María Jucirene de Azevedo envazando a mistura de defensivo natural. Assentamento Terra Nossa, Sobradinho (BA). Foto: Manuela Cavadas

## CONCLUSÕES

É possível observar que o trabalho construído pelo Pró-Semiárido com a ITA permitiu mobilizar uma dimensão de 114 técnicos, junto a 10 organizações da sociedade civil, durante 3 anos de monitoramento por meio do NEACS. Proporcionou ainda, de forma coletiva, a construção de uma ferramenta em Microsoft Excel e um caderno com subsídios para a ATC. Além disso, foi possível, com os resultados mensurados, observar um número expressivo de intervenções que geraram transição agroecológica, equivalendo a 32% dos planos de trabalho das entidades prestadoras do serviço, promovendo a construção do conhecimento agroecológico entre técnicos e agricultores.

Concluimos que os Indicadores de Transição Agroecológica se mostraram uma ferramenta capaz de gerar avaliação, monitoramento e tomada de decisão em projetos de ATER de base agroecológica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural.** *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v. 1, n. 1, p. 16-37, jan./mar. 2000.
- DEPONTI, C. M. et al. **Estratégia para construção de indicadores para avaliação da sustentabilidade e monitoramento de sistemas.** *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 44-52, out./dez. 2002.
- FERREIRA, J. M. L. et al. **Indicadores de sustentabilidade em agroecossistema.** *Belo Horizonte – MG*, v. 33, n. 271, **Adequação socioeconômica e ambiental de propriedades rurais.** *Informe Agropecuário*, p. 12-25, nov./dez. 2012.
- PETERSEN, P. et al. **Luzes do Sertão: trajetória de emancipação social na agricultura familiar do semiárido da Bahia: efeitos do Pró-Semiárido.** Organização de Paulo Petersen. 3. ed. Juazeiro: AS-PTA, 2022. 164 p. ISBN 978-65-996551-11-1.
- PETERSEN, P. et al. **Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas.** Organização de Paulo Petersen. 1. ed. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2017. p. 111-129. ISBN 978-85-87116-28-4
- RAMOS, C. H. de S. et al. **Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido – NEACS – Capitalização de Experiência.** Salvador: 2020. 124 p. ISBN 978-65-99143-00-7.
- RAMOS, C. H. de S.; MORAES, V. L. A. **Indicadores de Transição Agroecológica: subsídios ao assessoramento técnico contínuo – Capitalização de Experiência.** Salvador: Hasta La Luna, 2019. 100 p. ISBN 978-85-96685-02-0.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

### **Anotações Zootécnicas (ANOTE) contribuindo para o desenvolvimento de uma produção animal mais sustentável**

*The Zootechnical Notes (ANOTE) contributing to the development of a more sustainable animal production*

AMARANTE, Emanuel Freitas<sup>1</sup>; ALMEIDA, Jiliarde Ferreira<sup>2</sup>; RAMOS, Carlos Henrique<sup>3</sup>; AMIM, Sergio Luiz<sup>4</sup>; FERREIRA, Dulce Naiara Carvalho<sup>5</sup>; SANTOS, Dilmo Souza<sup>6</sup>.

### RESUMO

A ferramenta ANOTE, que traz o princípio de anotar tudo que acontece na propriedade, tem contribuído para melhorar a gestão da propriedade. Com o acompanhamento da Assistência Técnica Contínua (ATC), a partir das visitas técnicas e realização de rodas de aprendizagem, os agricultores e agricultoras podem discutir as melhores estratégias para o desenvolvimento da sua propriedade e comunidade. O trabalho em campo contou com as anotações diárias feitas pelos agricultores(as), coletadas pelos técnicos e sistematizadas pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) por meio do Projeto Pró-Semiárido. Os primeiros resultados são fruto das anotações de 163 agricultores ao longo de 2021, os quais criam caprinos e ovinos nos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco, Piemonte Norte do Itapicuru, Piemonte da Diamantina e Bacia do Jacuípe. Nos resultados, a diversidade de insumos produzidos chega a 97% e são destinados para alimentação animal, enquanto a compra de insumos chega a 14%.

**Palavras-Chave:** Caprinos; Territórios; Agroecologia.

**Keywords:** Goats; Territories; Agroecology.

<sup>1</sup> Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional-CAR, emanoelfreitas@car.ba.gov.br; <sup>2</sup> jiliardealmeida@car.ba.gov.br; <sup>3</sup> chenriqueramos@yahoo.com.br; <sup>4</sup> sergioamim@car.ba.gov.br; <sup>5</sup> Serviço de Assistência Socioambiental no Campo e Cidade-SAJUC, dulce@sajuc.org.br; <sup>6</sup> Associação de Pequenos Produtores de Jaboticaba-APPJ, dilmosousa@yahoo.com.

## CONTEXTO

Todo o desenvolvimento da construção e aplicação da ferramenta ocorreu por meio do Pró-Semiárido, projeto do Governo do Estado da Bahia, executado pela CAR com cofinanciamento do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). O trabalho foi desenvolvido nos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco, Piemonte Norte do Itapicuru, Piemonte da Diamantina e Bacia do Jacuípe, com a atuação de entidades contratadas através do Projeto.

A anotação zootécnica, denominada no Pró-Semiárido de ANOTE, consiste em registrar todos os eventos ou práticas que ocorrem no ambiente de uma determinada propriedade que possui atividade animal. O ANOTE nada mais é do que anotações referentes aos animais e tudo que lhes diz respeito, sendo um levantamento de dados de campo através dos quais é possível estabelecer os índices zootécnicos, fundamentais durante o processo de tomada de decisão na gestão.

Em um sentido restrito, o ANOTE consiste nas anotações de controle, com fichas para controle da produção animal, registrando-se as ocorrências e desempenhos. Nestas anotações são registrados o momento (datas), a condição e a extensão de importantes ocorrências, como enfermidades, morte, descarte, etc., além dos registros de desempenho produtivo. Quanto maior o detalhe das anotações, maior será o benefício que poderá ser extraído destas informações.

Uma diferença em relação a outras escriturações é que, a partir dos resultados obtidos mensalmente, a Assistência Técnica Contínua (ATC) orientou os agricultores e agricultoras a tomarem decisões mais sustentáveis, como deixar de ir ao mercado convencional comprar insumos e passar a produzir seus próprios insumos.

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O caderno parte da mesma premissa da escrituração zootécnica, que consiste nas anotações da produção animal dos agricultores(as) familiares. Pretende-se conhecer e melhorar a gestão de informações na propriedade, uma atividade vital para a gestão da produção animal.

**Primeiro passo - Sensibilização da equipe:** através de um documento de estudo e orientação, a equipe das entidades de ATC que acompanham os agricultores(as) utilizou o espaço do Núcleo de Estudo em Agroecologia e Convivência com o Semiárido (NEACS). De acordo com Ramos (2019), *a criação de ambientes de aprendizagem em várias instâncias oportuniza novas configurações de gestão do conhecimento no processo de transição agroecológica. Estes ambientes são construídos a partir de diferentes formatos metodológicos, de diversas categorias, de uma grande diversidade temática, do encontro da cultura acadêmica com a cultura popular e da troca de saberes.*



Foto: Manuela Cavadas.

Para o aprofundamento desse trabalho de anotações, um documento de apoio serviu para despertar ainda mais o interesse pela leitura e pesquisa de modelos agroecológicos voltados à produção agropecuária no Semiárido. Junto com a parte de leitura, estavam anexas as planilhas a serem preenchidas pelos agricultores(as) e acompanhadas pelos técnicos semanalmente, nos primeiros meses, e depois mensalmente.

**Segundo Passo - Sensibilização dos Agricultores:** Apresentar o caderno de anotações de forma coletiva e participativa, para que todos possam perguntar, questionar e colocar suas opiniões sobre o desenvolvimento das anotações. Para isso, foram feitas Rodas de Aprendizagem, uma metodologia participativa bem conhecida e praticada pelos técnicos de ATC envolvidos no Pró-Semiárido.



Esse resultado também demonstra o empenho das entidades de ATC em desenvolver, junto aos agricultores, uma alimentação economicamente viável e mais saudável para os animais, reduzindo a dependência da compra de insumos em mercados convencionais.

Na Figura 1, a nuvem de palavras sobre alimentação de caprinos e ovinos apresenta a diversidade de alimentos fornecidos aos animais. Muitos desses alimentos, como o resíduo de Licuri (*Syagrus coronata*), não eram usados anteriormente. No entanto, após o trabalho das rodas de aprendizagem, os agricultores passaram a perceber que esses alimentos são viáveis para a manutenção e produção animal.

A utilização de alimentos alternativos (subprodutos) na produção animal é uma opção para reduzir os custos de alimentação e aumentar a rentabilidade do sistema de produção. O resíduo obtido com a extração do óleo de Licuri, por exemplo, origina uma torta que serve como alimento para animais. Essa torta possui 41% de substâncias não azotadas, 19% de proteínas, 16% de celulose e 11 a 12% de óleo (BORJA et al., 2009). Esse resíduo é utilizado para a alimentação de diversas espécies, sendo especialmente eficaz na caprinovinocultura para alimentação de cabras de leite e na terminação dos animais.

Com essa grande diversidade de alimentos, outro resultado importante é a quantidade de insumos produzidos em comparação com a quantidade comprada, visualizada na Figura 2. Essa ação é fundamental para o trabalho de sustentabilidade feito pela ATC, especialmente na utilização das plantas da propriedade para alimentação animal. Na Figura 2, observa-se que 96% dos insumos são produzidos localmente, representando mais de uma tonelada de alimentos produzidos em um ano. Esse resultado mostra que é possível para os agricultores tornarem-se independentes de insumos externos, gerando uma economia significativa, que é crucial para a gestão familiar.

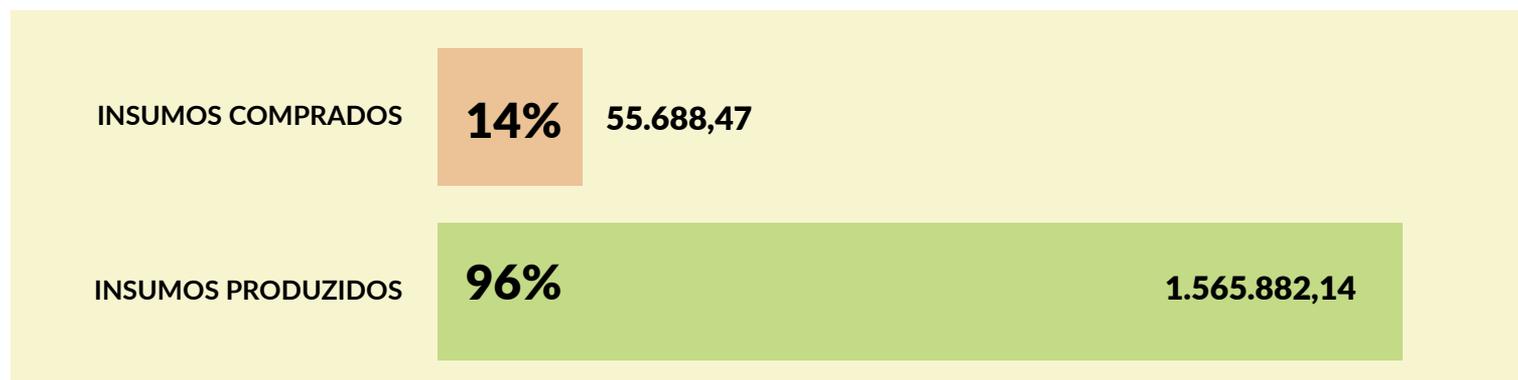


Figura 2 - Total de insumos em Kg.

Na Figura 3, observa-se que a demanda pelo milho ainda é significativa, principalmente devido à tradição das famílias em fornecê-lo para todos os animais da propriedade. Outro aspecto importante é o comércio local de insumos provenientes de agricultores, os quais não são produzidos por eles, mas sim vendidos por vizinhos ou pessoas próximas, indicando que a produção local adquiriu valor comercial.

A nuvem de palavras também mostra uma quantidade limitada de variedade de insumos comprados, com milho e ração pronta destacando-se, ao contrário da ampla diversidade de insumos produzidos e utilizados. Na Figura 2, é visível que apenas 14% dos insumos são adquiridos, totalizando cerca de 55 mil quilos.



Figura 3 - Nuvem de palavras: insumos oriundos do mercado convencional ou local.

Quanto aos resultados financeiros (Figura 4), é perceptível a importância da produção de insumos, pois os agricultores deixaram de gastar mais de 1 milhão de reais em insumos comprados, representando uma economia significativa em renda não-monetária. Essa economia demonstra claramente o impacto positivo de reduzir a dependência de compras externas de insumos, fortalecendo assim a sustentabilidade econômica das famílias agrícolas envolvidas no Projeto.



**Edivan Rocha, agricultor da comunidade Umbuzeiro Grande, em Queimadas fazendo o manejo alimentar do rebanho. Foto: Fábio Arruda**

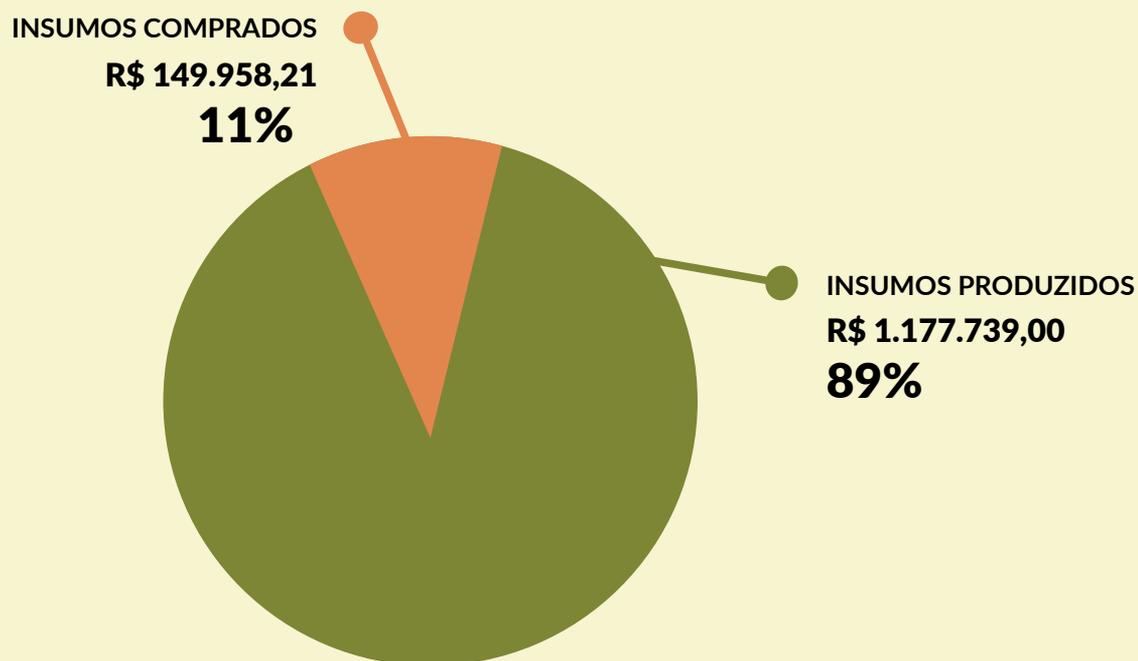


Figura 4 - Comparativo entre insumos produzidos e insumos comprados.

*Essa autonomia relativa é também assegurada pelo fato de que uma parcela ponderável da produção econômica do agroecossistema circula internamente como renda não-monetária, correspondendo à produção de autoconsumo. Trata-se de uma parcela da renda que cumpre função essencial na reprodução da força de trabalho sem a necessidade de ser convertida nos mercados (PETERSEN, p. 42, 2017).*

O ANOTE tornou-se uma ferramenta crucial para destacar o trabalho dos agricultores e agricultoras, bem como o papel da Assistência Técnica Contínua (ATC). Juntos, estão desenvolvendo um trabalho significativo em prol da sustentabilidade das propriedades rurais.



Jean Silva, técnico da Coopercuc fazendo o acompanhamento das anotações zootécnicas do agricultor João Bosco. Comunidade Testa Branca, Uauá (BA). Foto: Fábio Arruda

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORJA, Maikál Souza et al. **Digestibilidade de nutrientes em caprinos alimentados com torta de licuri**. In: Congresso Nordestino de Produção Animal, Aracaju, Sergipe, 2010.

PETERSEN, Paulo et al. **Articulação Nacional de Agroecologia (Brasil). Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas**. 1. ed. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2017.

RAMOS, Carlos Henrique de Souza et al. **Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido – NEACS – Capitalização de Experiência**. Salvador: 2020. 124 p. ISBN 978-65-99143-00-7.

# 02

## Gênero, Feminismos e Diversidade na Construção Agroecológica



Agricultora Maria do Socorro na horta telada implantada pelo Pró-Semiárido. Serrinha das Imagens, Casa Nova (BA). Foto: Manuela Cavadas

## RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

### Mulheres agricultoras baianas e as cadernetas agroecológicas

*Bahian women and the agroecological booklets*

SIQUEIRA, Ana Elizabeth<sup>1</sup>; SARDENBERG, Cecília<sup>2</sup>.

### RESUMO

O estudo tem como objetivo investigar, no período de setembro de 2020 a agosto de 2021, o trabalho produtivo e reprodutivo realizado pelas mulheres agricultoras do Semiárido baiano, em suas unidades familiares, por intermédio da Caderneta Agroecológica. Trata-se de um instrumento metodológico, político e pedagógico de monitoramento da produção agrícola e pecuária das agricultoras, em suas unidades familiares. Este instrumento de registro tem quatro colunas: consumo, doação, troca e venda, onde as próprias mulheres agricultoras anotam suas produções. Dessa forma, elas tomam consciência de seu valor na esfera produtiva, e não só na esfera doméstica, percebendo sua grande contribuição para a economia familiar e da comunidade.

Esta pesquisa contribui para a agroecologia, ao sinalizar que é necessário utilizar ferramentas metodológicas específicas para o trabalho com mulheres, que possibilitem refletir sobre as desigualdades das relações sociais de gênero no universo rural, com as lentes feministas. Demonstra a contribuição das mulheres rurais para a agroecologia, para segurança e soberania alimentar das famílias, ao reconhecer e visibilizar tudo que foi produzido no período de pandemia do COVID-19, nos quintais agroecológicos e/ou em outro agroecossistema de sua gestão. Isso dá visibilidade à produção, demonstra a geração de renda mensal para a família, mas também no âmbito público, além de revelar as práticas e saberes das mulheres como fundamentais à reprodução da vida.

---

<sup>1</sup> PPGNEIM/UFBA, bethssiqueira@yahoo.com.br ; <sup>2</sup> PPGNEIM/UFBA, ceciliasard@gmail.com.

A pesquisa é qualitativa e quantitativa dentro da epistemologia feminista. Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foram a sistematização e análise das 2.707 planilhas no software Microsoft Excel, preenchidas com os dados das anotações das 268 mulheres agricultoras nas Cadernetas Agroecológicas; cruzamento das respostas do Questionário de Caracterização Socioeconômica (QCS), que traz um perfil das mulheres agricultoras e a análise dos Mapas da Sociobiodiversidade, que foram desenhados pelas mulheres, nos quais elas identificam na sua unidade familiar os lugares em que são as protagonistas.

Os principais resultados da pesquisa apontam que as 268 mulheres, ao longo de 1 ano, geraram uma renda total de produção de R\$ 1.093.508,14 (um milhão, noventa e três mil, quinhentos e oito reais e quatorze centavos). Esse valor é a soma dos valores do consumo, doação, troca e venda de produtos de origem animal e vegetal, conforme anotados nas Cadernetas, demonstrando um maior protagonismo das mulheres rurais na busca da autonomia econômica. Outro resultado foi a grande quantidade e diversidade de produtos diferentes – um total de 659 variedades. Mesmo com a subnotificação de produtos nas cadernetas, as mulheres têm contribuído com a existência de uma enorme variedade de sementes, alimentos, plantas medicinais e saberes, confirmando sua contribuição na garantia da soberania e segurança alimentar e na conservação da agrobiodiversidade.

Concluimos que o estudo conseguiu identificar, analisar e confirmar a contribuição econômica, monetária e não monetária das mulheres agricultoras, no âmbito familiar e comunitário, ao evidenciar a importância e o valor monetário do que é produzido no quintal para o consumo, doação e troca - quantia que a família deixa de gastar. Confirma, assim, a importância do quintal agroecológico como um espaço produtivo de grande valor econômico e relevância para a produção de alimentos saudáveis e de boa qualidade.

As mulheres que utilizaram as Cadernetas Agroecológicas estão em um processo de empoderamento pessoal em decorrência da sua participação nas formações, troca de conhecimentos, informações, saberes e experiências, mas principalmente ao perceberem a importância de anotar e contabilizar sua produção. Algumas tomaram consciência de que trabalham e não apenas "ajudam" os maridos; isso leva à mudança de mentalidade resultando em um comportamento de autoconfiança, autorreconhecimento, autovalorização e resgate da autoestima, através do qual as mulheres adquiriram ou fortaleceram seu sentimento de competência e poder.

**Palavras-Chave:** Agroecologia; Semiárido; Relações de Gênero; Desigualdades; Quintais.

**Keywords:** Agroecology; Semiarid; Gender Relations; Inequalities; Backyards.

## INTRODUÇÃO

Para dar visibilidade e valorizar a contribuição das mulheres rurais para a economia familiar e para a reprodução da vida, com suas práticas e conhecimentos, foi criada a Caderneta Agroecológica. Trata-se de um instrumento de monitoramento que "possui quatro colunas para organizar as informações sobre a produção das mulheres. Ou seja, nela são registrados o que foi vendido, o que foi doado, o que foi trocado e o que foi consumido de tudo o que é cultivado nos espaços de domínio das mulheres" (CARDODO, 2019, p.7).

As mulheres agricultoras do Semiárido baiano que utilizam as Cadernetas Agroecológicas desempenham importantes atribuições na agricultura e pecuária, chegando a assumir um certo protagonismo na unidade familiar, principalmente nos quintais agroecológicos, em especial no período da pandemia de COVID-19, com a produção de alimentos saudáveis em seus agroecossistemas. Mesmo assim, elas não têm o devido reconhecimento do seu trabalho produtivo e reprodutivo. Essa falta de reconhecimento e valorização do seu trabalho, principalmente o doméstico e o cuidado com a família, leva à invisibilidade de sua contribuição para a garantia da soberania e segurança alimentar e nutricional (SSAN), à preservação da agrobiodiversidade, ao desenvolvimento sustentável e à reprodução da vida cotidiana.

A contribuição deste trabalho para o eixo temático é trazer elementos que possibilitam refletir e constatar essa realidade de desigualdades de gênero, de invisibilidade das mulheres rurais, nordestinas, do semiárido baiano, nos espaços produtivos e reprodutivos, atravessadas por uma cultura machista, patriarcal e racista, responsável por formar a base cultural e simbólica das relações sociais de gênero no universo rural. Nosso objetivo é demonstrar que ainda é preciso incorporar transversalmente à agroecologia a perspectiva de gênero, com a essência feminista, pois permanece o desafio de reconstruir as relações das mulheres do campo com os espaços produtivos e reprodutivos e com os mercados locais. Isso implica em incluí-las e visibilizá-las na produção e na comercialização dos produtos, com a perspectiva de um envolvimento consciente na gestão dos recursos, inclusive financeiros.

A pesquisa realizou o monitoramento, sistematização e análise dos dados das Cadernetas Agroecológicas, focada no segundo ano de utilização dessa ferramenta pelas mulheres agricultoras familiares que participam do Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável da Região Semiárida da Bahia – Pró-Semiárido. Este estudo nasceu no contexto do trabalho realizado pelo Projeto, da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa pública do Estado da Bahia, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU).

O estudo foi realizado na área de abrangência do Projeto e envolveu 32 (trinta e dois) municípios da região Centro-Norte do Estado da Bahia. Além das mulheres agricultoras (as principais atrizes sociais envolvidas na pesquisa), também contamos com a equipe técnica do Projeto e com os/as Agentes Comunitários Rurais (ACR)<sup>3</sup>.

## METODOLOGIA

Os estudos sobre Caderneta Agroecológica apresentados por LOPES NETO et al. (2015a), ANSCHAU e GONÇALVES (2018), SOF (2018), TELLES (2018), ALVES (2018), JALIL et al. (2019), afirmam que a Caderneta é um instrumento político-pedagógico essencial para dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres agricultoras na agroecologia, com ênfase nos "quintais produtivos ou agroecológicos", como um lugar de saberes, aprendizados e esforço por uma alimentação saudável.

A metodologia foi desenvolvida de modo participativo, construída através das trocas entre todos os sujeitos envolvidos no processo de pesquisa de campo, buscando-se reconhecer e valorizar os diferentes saberes para a consolidação deste estudo. Os elementos que embasam a realização do trabalho do ponto de vista metodológico o definem como uma pesquisa qualitativa e quantitativa dentro da epistemologia feminista. Iniciamos os estudos aplicando o Questionário de Caracterização Socioeconômica (QCS) para levantar um perfil das mulheres, e os Mapas da Sociobiodiversidade, onde estão identificados os lugares onde as mulheres e os homens são protagonistas nas unidades familiares.

Simultaneamente começamos o estudo para investigar, por 12 meses, os efeitos da utilização das Cader-netas Agroecológicas por 268 mulheres agricultoras, no âmbito do Projeto Pró-Semiárido, no período entre setembro de 2020 e agosto de 2021, durante a pandemia, em alguns municípios dos chamados Territórios de Identidades – Sertão do São Francisco, Piemonte da Diamantina, Piemonte Norte do Itapicuru, Sisal e Vale do Jacuípe.

Ao longo da pesquisa, analisamos as planilhas eletrônicas com os dados da produção das mulheres por elas anotados nas Cader-netas Agroecológicas. Ao final da pesquisa, tínhamos 2.707 Cader-netas aptas para o processo de sistematização e análise. Nos primeiros seis meses da pesquisa de monitoramento e sistematização, também realizamos entrevistas com as equipes técnicas e de coordenação do Pró-Semiárido, com roteiros de entrevistas semiabertas e perguntas geradoras, e realizamos rodas de diálogo com as agricultoras, de modo a perceber mudanças ou permanências nas relações sociais de gênero e de poder.

Gênero como uma categoria de análise contribuiu para a identificação e problematização das relações sociais de desigualdades e violências sofridas pelas mulheres no campo, além de orientar a análise e compreensão dos dados referentes aos cruzamentos dos questionários e das anotações das Cader-netas, no período de um ano.

---

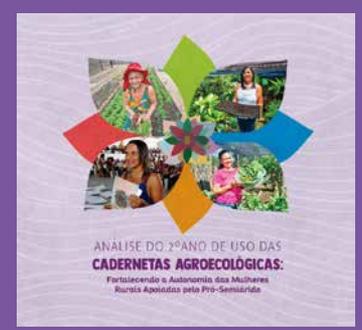
<sup>3</sup> Estratégia de fortalecimento das juventudes e combate ao êxodo rural, na qual jovens rurais são contratados pelo Projeto para atuar como mobilizadores sociais em suas comunidades.



Agricultoras expõem os mapas das suas propriedades. Ferramenta que integra a metodologia da Caderneta Agroecológica. Foto: Manuela Cavadas



Acesse através dos QR-codes mais informações sobre os resultados na aplicação da Caderneta Agroecológica





Agricultoras e técnicos no I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade, realizado em dezembro de 2019, em Senhor de Bonfim (BA). Foto: Manuela Cavadas

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das Cadernetas Agroecológicas preenchidas pelas 268 agricultoras, no período de setembro de 2020 a agosto de 2021, indicaram uma renda total de produção de R\$ 1.093.508,14 (um milhão, noventa e três mil, quinhentos e oito reais e quatorze centavos), referentes à soma dos valores dos produtos de origem animal e vegetal consumidos, doados, trocados e vendidos. Toda essa renda foi gerada com uma grande diversidade de produtos – 659 variedades, distribuídas nos 8 grupos pré-definidos: alimentos de origem vegetal, alimentos de origem mista, alimentos de origem animal, mudas e sementes, artesanatos e trabalhos manuais, plantas e preparos medicinais, serviços e outros. A renda média mensal das mulheres foi de R\$ 403,96 (quatrocentos e três reais e noventa e seis centavos) em um ano de pesquisa e no período pandêmico.

Constatamos, no cruzamento dos dados das Cadernetas Agroecológicas com as informações dos questionários, que a produção das agricultoras, independentemente da diversidade de identidades (agricultoras familiares, de Fundos de Pasto, quilombolas ou pescadoras), é destinada principalmente ao consumo da família, seguido pela venda, com o objetivo de gerar renda. Já a doação e a troca de produtos são feitas dentro da própria comunidade, com familiares e amigos.

Na pesquisa, 60% das mulheres se identificavam como agricultoras familiares, estavam em maior número e apresentavam uma renda média maior – R\$ 446,49 (quatrocentos e quarenta e seis reais e quarenta e nove centavos). Já as quilombolas e as pescadoras apresentavam uma renda média de produção de valor menor, R\$ 290,23 (duzentos e noventa reais e vinte e três centavos) e R\$ 274,71 (duzentos e setenta e quatro reais e setenta e um centavos), respectivamente, inferiores às demais categorias.

Esses dados demonstram que é necessário delinear ações afirmativas com foco étnico-racial para reduzir as desigualdades sociais, raciais e de gênero enfrentadas pelas mulheres, sobretudo as quilombolas e as pescadoras, na perspectiva de redução da pobreza, e para garantir condições mais equitativas de inclusão produtiva, geração de renda e acesso aos direitos sociais, econômicos e ambientais.

A comercialização dos produtos de origem animal e vegetal gerou uma renda monetária de R\$ 645.809,76 (seiscentos e quarenta e cinco mil, oitocentos e nove reais e setenta e seis centavos). Já a renda não monetária da produção foi utilizada para o consumo (33,4%), doação (7,2%) e a menor parte para a troca (0,4%).

Observamos, a partir dos dados das Cadernetas Agroecológicas, que as práticas de consumo, doação, troca e venda de alimentos revelam também que há mudanças nas ideias e atitudes das mulheres e suas famílias ao valorizarem os alimentos por elas produzidos, aumentarem o consumo desses alimentos, preservarem os valores culturais locais e o alimento saudável, socialmente e ambientalmente sustentáveis, sem a utilização de adubo químico ou agrotóxico, e ao diversificarem as fontes alimentares nas unidades familiares.

Outro resultado observado foi que os alimentos de qualidade – hortaliças, verduras, legumes e plantas medicinais – são produzidos nos quintais, prioritariamente, para o autoconsumo, colaborando para a prevenção de doenças, não só da família, mas também da comunidade, já que as relações de reciprocidade são mantidas, através da prática de troca e doação de produtos alimentícios e medicinais entre as mulheres. Amplia-se assim a diversificação de cores, sabores e texturas na dieta alimentar da comunidade, à medida que aumenta a variedade e qualidade dos alimentos no prato das pessoas da comunidade.

Os resultados da pesquisa confirmam a existência de desigualdades entre as mulheres de diferentes grupos socioculturais, que estão mais ou menos vulneráveis conforme sua condição de classe, raça, etnia, idade e outros marcadores sociais. Elas enfrentam dificuldades de acesso aos alimentos, segurança alimentar, trabalho remunerado, renda, posse de propriedade e políticas públicas. Sabemos que a condição de pobreza (classe) e de raça é a principal causa dessas dificuldades, como é o caso das mulheres quilombolas e pescadoras.

A pesquisa também confirmou o papel fundamental das mulheres na conservação da biodiversidade da Caatinga, evidenciando uma ampla variedade de espécies nativas e cultivadas, muitos dos quais são propagados nos quintais agroecológicos. Esses quintais não são apenas espaços de produção, mas também de vivência, práticas tradicionais, troca de experiências, cura e lazer. Eles representam espaços sustentáveis para as práticas culturais, alimentares e agrícolas das comunidades rurais.

## CONCLUSÕES

O estudo conseguiu identificar e analisar a realidade produtiva das mulheres à luz de suas condições socioeconômicas e observar as permanências e as mudanças nas relações sociais de gênero vividas pelas mulheres agricultoras com a utilização das Cadernetas Agroecológicas. Elas permitiram visibilizar e reconhecer a



Crédito da imagem - Frame: BarongHub

contribuição das mulheres para a economia familiar, para a agrobiodiversidade da Caatinga, para a segurança alimentar e nutricional e para a afirmação da identidade sociocultural.

O processo da pesquisa e os resultados aqui apresentados possibilitaram a todos e todas os envolvidos, mas principalmente às mulheres, a tomada de consciência e valorização do seu potencial produtivo e organizativo. Porém, não conseguiram influenciar efetivamente a mudança na divisão do trabalho doméstico e de cuidado da família, ainda quase que exclusivamente sob responsabilidade das mulheres, acumulando uma sobrecarga de atividades. Esse é um desafio para as políticas públicas no campo, para atuação das organizações da sociedade civil que operam no meio rural e para a pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, L. M. et al. **Caderneta agroecológica e os quintais: sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil**. Minas Gerais: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, 2018. Disponível em: <https://ctazm.org.br/bibliotecas/caderneta-agroecologica-e-osquintais-270.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

ANSCHAU, Andréa; GONÇALVES, Marcela Vecchione. **Cadernetas agroecológicas: relações de trabalho, cultura e gênero no movimento agroecológico**. Brasília: UnB, 2018. p. 1-38. Disponível em: 12868-21469-1-PB.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

CARDOSO, Elizabeth et al. **Guia metodológico da caderneta agroecológica**. Recife: EDUFRPE, 2019. p. 39. Disponível em: <http://portalsemiar.org.br/wpcontent/uploads/2019/06/Guia-de-uso.pdf>. Acesso em: 29 set. 2022.

JALIL, Laeticia et al. **Caderneta agroecológica: a contribuição das mulheres para a soberania e segurança alimentar e conservação da agrobiodiversidade**. Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, v. 8, n. 15, p. 2858, jul./dez. 2019. Disponível em: 2858-Texto do Artigo-482491347-1-10-20200630 (1).pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

LOPES NETO, Antônio Augusto; LOPES, Isabel; CARDOSO, Elisabeth; FEITAL, Auxiliadora. **Caderneta agroecológica e feminismo: o que os quintais produtivos da Zona da Mata têm a nos dizer**. Cadernos de Agroecologia, v. 10, n. 3, 2015. Disponível em: <https://ctazm.org.br/bibliotecas/caderneta-agroecologica-e-feminismo-o-que-os-quintaisprodutivos-da-zona-da-mata-tem-a-nos-dizer-298.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2022.

PETERSEN, Paulo et al. Articulação Nacional de Agroecologia (Brasil). **Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas**. 1. ed. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2017.

RAMOS, Carlos Henrique de Souza et al. **Núcleo de Estudos em Agroecologia e Convivência com o Semiárido – NEACS – capitalização de experiência**. Salvador: 2020. 124 p. ISBN 978-65-99143-00-7.

SOF, Sempreviva Organização Feminista. **Práticas feministas de transformação da economia: autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira**. São Paulo: SOF, 2018. 84 p. Disponível em: [praticas-feministas-de-transformacao-da-economia-302.pdf](https://praticas-feministas-de-transformacao-da-economia-302.pdf). Acesso em: 2 maio 2022.

TELLES, Liliam. **Desvelando a economia invisível das agricultoras agroecológicas: a experiência das mulheres de Barra do Turvo, SP**. 2018. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2018.

03

# Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária



Blandina Alves da Silva, Comunidade Volta da Serra, Umburanas - BA. Foto: Manuela Cavadas

## RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

### Circuitos curtos de comercialização: uma abordagem a partir do Território de Identidade Sertão do São Francisco, Bahia- Brasil

*Short marketing circuits: an approach from the Sertão do São Francisco Identity Territory, Bahia - Brazil*

NASCIMENTO, Adriana Ferreira<sup>1</sup>; MARTINS, Dannielle Roseanne Pereira<sup>2</sup>; SILVA, Bruno Gonçalves da<sup>3</sup>; BELÉM, Clerison dos Santos; MORAES<sup>4</sup>, Victor Leonam Aguiar de<sup>5</sup>.

### RESUMO

Circuitos curtos de comercialização têm se tornado estratégicos para o escoamento da produção agrícola familiar. Esses circuitos, que vêm se formando nas comunidades, se apresentam em forma de feiras agroecológicas, vendas diretas e quitandas. Integrando os mecanismos empregados pela agricultura familiar para geração de renda, são uma alternativa para comercializar os produtos, reduzindo o número de intermediários entre o produtor e o consumidor. Além disso, possibilitam a conexão direta entre produtores e consumidores, socializando alimentos nas escalas local ou regional.

O Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) tem incentivado e acompanhado, por meio do Projeto Pró-Semiárido, diversas estratégias de escoamento da produção através de circuitos curtos no Território Sertão do São Francisco. Os circuitos descritos estão vinculados a feiras agroecológicas, barracas nas comunidades e vendas por encomenda, contribuindo significativamente para a geração de renda dos agricultores familiares nas diversas comunidades rurais.

**Palavras-Chave:** Agroecologia; Geração de Renda; Acesso a Mercados; Empoderamento; Autonomia.

**Keywords:** Agroecology; Income Generation; Market Access; Empowerment; Autonomy.

<sup>1</sup> Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, [adriana@irpaa.org](mailto:adriana@irpaa.org); <sup>2</sup> [dannielle@irpaa.org](mailto:dannielle@irpaa.org); <sup>3</sup> [bruno@irpaa.org](mailto:bruno@irpaa.org); <sup>4</sup> [clerison@irpaa.org](mailto:clerison@irpaa.org) <sup>5</sup> Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional da Bahia, [victorleonam@gmail.com](mailto:victorleonam@gmail.com).

## CONTEXTO

A produção agroecológica é uma estratégia fundamental para o desenvolvimento sustentável, pois valoriza a agricultura familiar ao aproximar produtores e consumidores, reduzir custos de produção e evitar impactos ambientais. Além disso, ela valoriza os saberes locais e contribui para a permanência das famílias nas comunidades.

A assessoria técnica do IRPAA, por meio do Projeto Pró-Semiárido, desempenhou um papel crucial no fortalecimento dos sistemas agroecológicos nas comunidades rurais. Este Projeto faz parte dos compromissos do Estado para avançar na erradicação da pobreza, sendo cofinanciado pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA).

Com investimentos diretos em infraestrutura física e assessoria técnica, muitas famílias conseguiram melhorar sua qualidade de vida. Aumentando e diversificando a produção tanto vegetal quanto animal, elas puderam melhorar sua segurança alimentar e nutricional. Com o aumento da produção, surgiu a necessidade de encontrar mercados para escoar o excedente produzido

Foram implementadas diversas estratégias que possibilitaram a geração de renda, o empoderamento das famílias e a melhoria na segurança alimentar e nutricional em uma escala maior. Entre essas estratégias, destacam-se as feiras agroecológicas como espaços importantes para conscientização sobre a alimentação saudável e para dar visibilidade aos produtos regionais. Estas feiras também fortalecem a agroecologia e a economia solidária e feminista, englobando uma diversidade de aspectos sociais, políticos, ambientais, de gênero, renda, envolvimento da juventude e valorização das comunidades tradicionais. Outra estratégia implementada foram as quitandas e as vendas por encomenda, realizadas tanto dentro como fora das comunidades.

Essas estratégias são conhecidas como circuitos curtos de comercialização, pois os produtos circulam pequenas distâncias, minimizando custos com transporte e combustíveis. Esses circuitos proporcionam aos agricultores familiares a venda direta de produtos agroecológicos aos consumidores, dinamizando a produção rural, promovendo alimentação saudável e aumentando a renda familiar, ao mesmo tempo em que fortalecem a organização comunitária.



Saiba mais sobre a comercialização em feiras apoiadas pela CAR por meio do Pró-Semiárido



A iniciativa destacada está sendo desenvolvida no Território de Identidade Sertão do São Francisco, nos municípios de Remanso, Juazeiro, Sento Sé e Sobradinho, estado da Bahia, Brasil. Esta é uma iniciativa contínua de grande relevância para o fortalecimento da economia local, o empoderamento feminino e das famílias agricultoras rurais. Além disso, contribui significativamente para a segurança alimentar e nutricional, bem como para o desenvolvimento de um mercado justo e solidário.



Agricultora Clarice Duarte comercializando os licores e doces na feira agroecológica do distrito de Massaroca, em Juazeiro (BA). Foto: Fábio Arruda

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Entre as experiências exitosas acompanhadas pelo IRPAA, destaca-se a do Território de Identidade Sertão do São Francisco, onde o Projeto Pró-Semiárido fortaleceu os circuitos curtos de comercialização nos municípios de Juazeiro, Remanso, Sobradinho e Sento Sé. Estes circuitos têm sido fundamentais para dinamizar a renda, com destaque para as feiras agroecológicas, vendas por encomenda e quitandas.

A primeira feira agroecológica no Território foi realizada em Sobradinho, iniciada em 2018 com o apoio do IRPAA, Pró-Semiárido e Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), envolvendo as comunidades locais. O sucesso dessa iniciativa inspirou a criação de outras feiras nos demais municípios.

Nos municípios de Sento Sé e Remanso, as feiras agroecológicas contam com o apoio da Rede Mulher Territorial para sua realização. Inicialmente realizadas de maneira anual, essas feiras passaram a ser quinzenais e atualmente ocorrem semanalmente.

Durante o período em que as feiras estavam ganhando popularidade, houve o surgimento da pandemia de COVID-19, o que resultou na suspensão desses eventos. Em resposta, a Assessoria Técnica Contínua (ATC) elaborou uma estratégia para manter a venda dos produtos através de encomendas. Esta ação envolveu agricultores das feiras de Sento Sé, além de uma comunidade rural no município de Juazeiro, especificamente no Assentamento São Francisco. Uma outra estratégia inovadora foi a implementação da quitanda agroecológica na comunidade de Passagem do Sargento, também em Juazeiro

Com o início da vacinação, as feiras retornaram de forma gradual. E, recentemente, foi iniciada uma feira na comunidade de Brejo de Fora, em Sento Sé, duas feiras em Juazeiro, sendo uma no distrito



Regina Bonfim, agricultora da comunidade Canavieira em Senhor do Bonfim, comercializando os beijos coloridos na feira livre do município.  
Foto: Fábio Arruda

<sup>6</sup> O Armazém da Caatinga é um importante espaço de comercialização dos produtos da agricultura familiar, envolvendo diretamente agricultoras e agricultores dos diversos municípios do território de identidade, de outros territórios baianos, bem como de outras partes do Brasil.

de Massaroca (quinzenal), e outra no centro da cidade (semanal), localizada no espaço do Armazém da Caatinga<sup>6</sup>.

A ATC visualizou a necessidade de estimular estratégias de acesso à mercados, especialmente os de ciclo curto, a partir da análise do trabalho da assessoria e com a ajuda de ferramentas e metodologias que facilitaram o debate com os agricultores e agricultoras, além do diálogo com as redes e movimentos do Território de Identidade (Rede Mulher, MST, Cooperativas e Associações).

## RESULTADOS

A iniciativa da ATC em incentivar os mercados de ciclo curto promove uma maior apropriação da riqueza pelos agricultores e agricultoras, além de gerar maior renda dentro do território.

O modelo de comercialização de ciclo curto representa uma alternativa ao modelo predominante no sistema agroalimentar. Ele não só facilita o acesso ao mercado, como também estabelece conexões diretas entre consumidores e agricultores, baseadas em relações de confiança e reciprocidade. Essas redes de comercialização local não apenas geram riqueza, mas também promovem a autonomia das famílias e estabelecem canais de venda que anteriormente não existiam.

Atualmente, observamos muitos espaços de comercialização de ciclo curto se consolidando, como as feiras agroecológicas em Remanso, Sento Sé e Juazeiro, além das vendas por encomenda, domiciliares e em quitandas. As feiras, em particular, têm sido significativas na geração de renda para as famílias envolvidas, tanto de forma direta quanto indireta. Estes espaços mencionados conseguem gerar até R\$ 3.000,00 por edição atualmente.



Quitanda agroecológica do distrito de Massaroca, Juazeiro (BA). Foto: arquivo Irpaa

## RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

### Segurança alimentar e nutricional através da produção agroecológica em horta comunitária do assentamento São Francisco - MST

*Food and nutritional security through agroecological production in a community garden in the São Francisco settlement - MST*

MORAES, Victor Leonam Aguiar<sup>1</sup>; BELÉM, Clerison dos Santos<sup>2</sup>; MENEZES, Andressa Souza<sup>3</sup>.

### RESUMO

A experiência ocorrida no Assentamento São Francisco, no Território Rural Arco-Íris em Juazeiro – BA, teve como principais impulsionadores o Projeto Pró Semiárido e a assessoria técnica do IRPAA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, com o assentamento vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). A análise foi realizada durante o ano agrícola de 2021, utilizando ferramentas participativas como caminhada transversal, linha do tempo e coleta de dados secundários por meio das Cadernetas Agroecológicas.

Foi observado que, com o acompanhamento da política pública de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) estruturada e contínua, houve o retorno das práticas coletivas, gestão e compartilhamento de conhecimento, resultando em um aumento exponencial na produção. Foram produzidas 9.810 unidades para consumo próprio e 46.010 unidades destinadas à comercialização em mercados de ciclo curto. Isso contribuiu significativamente para aumentar a segurança alimentar e nutricional das famílias e fortalecer sua autonomia.

**Palavras-Chave:** Sistemas Agroalimentares; MST; Mercados de Ciclo Curtos.

**Keywords:** Agrifood Systems; MST; Short Cycle Markets.

<sup>1</sup> Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional da Bahia, victorleonam@gmail.com; <sup>2</sup> Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, clerison@irpaa.org; <sup>3</sup> andressa@irpaa.org.

## CONTEXTO

A experiência descrita é resultado da produção agroecológica em uma horta coletiva no Assentamento de reforma agrária “São Francisco”, no Território Rural Arco-Íris do Sertão, vinculado ao MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e ao trabalho da Assessoria Técnica Continuada (ATC) do Pró-Semiárido. Este Projeto é coordenado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), com recursos provenientes do Governo do Estado da Bahia e cofinanciamento do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), em colaboração com o IRPAA, no município de Juazeiro-BA.

Nesta iniciativa, destaca-se a interação com mercados locais, a certificação orgânica participativa, a produção de alimentos para os assentados e a colaboração no aprendizado com escolas, agricultores e técnicos. Os dados foram coletados e analisados em 2021 através do trabalho conjunto com um grupo de agricultores/as que operam de maneira coletiva e agroecológica, composto por homens, mulheres, jovens e crianças, envolvendo aproximadamente 13 famílias das 120 presentes no assentamento.



Intercâmbio de membros do governo da Angola à experiência do Assentamento São Francisco, Juazeiro (BA), em agosto de 2023. Foto: Geraldo Carvalho

Esta experiência promoveu resultados significativos, tais como:

- **Organização coletiva da produção agroecológica.**
- **Interação com mercados locais de ciclo curto, como feiras agroecológicas e mercado na comunidade.**
- **Estabelecimento de encomendas e venda espontânea, por meio de um mercado que pratica preços justos entre clientes e agricultores.**
- **Aumento do autoconsumo das famílias.**
- **Melhora nutricional com alimentos saudáveis.**

Esses resultados demonstram o impacto positivo da iniciativa na comunidade, fortalecendo a produção local, promovendo acesso a alimentos saudáveis e contribuindo para a autonomia das famílias agricultoras.



Intercâmbio de membros do governo da Angola à experiência do Assentamento São Francisco, Juazeiro (BA), em agosto de 2023. Foto: Geraldo Carvalho

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Para compreender as relações e os resultados alcançados pelo grupo de agricultores e agricultoras, foram utilizadas diversas ferramentas participativas durante duas etapas de trabalho conjunto. Estas incluíram: **(I) Mapa Mental** (presente, passado e futuro); **(II) Caminhada Transversal** (VERDEJO, 2010); **(III) Linha do Tempo**, que desempenhou um papel crucial na análise, conforme visto na Figura 01 (PETERSEN, 2017); e **(IV) levantamento de dados secundários das Cadernetas Agroecológicas** (CARDOSO, 2019).

A linha do tempo, especificamente ilustrada na Figura 01, permitiu mapear a trajetória da horta coletiva no assentamento São Francisco, destacando seus principais eventos e marcos que contribuíram para transformá-la em uma referência para os assentamentos do MST no Território de Identidade Sertão do São Francisco (BA).

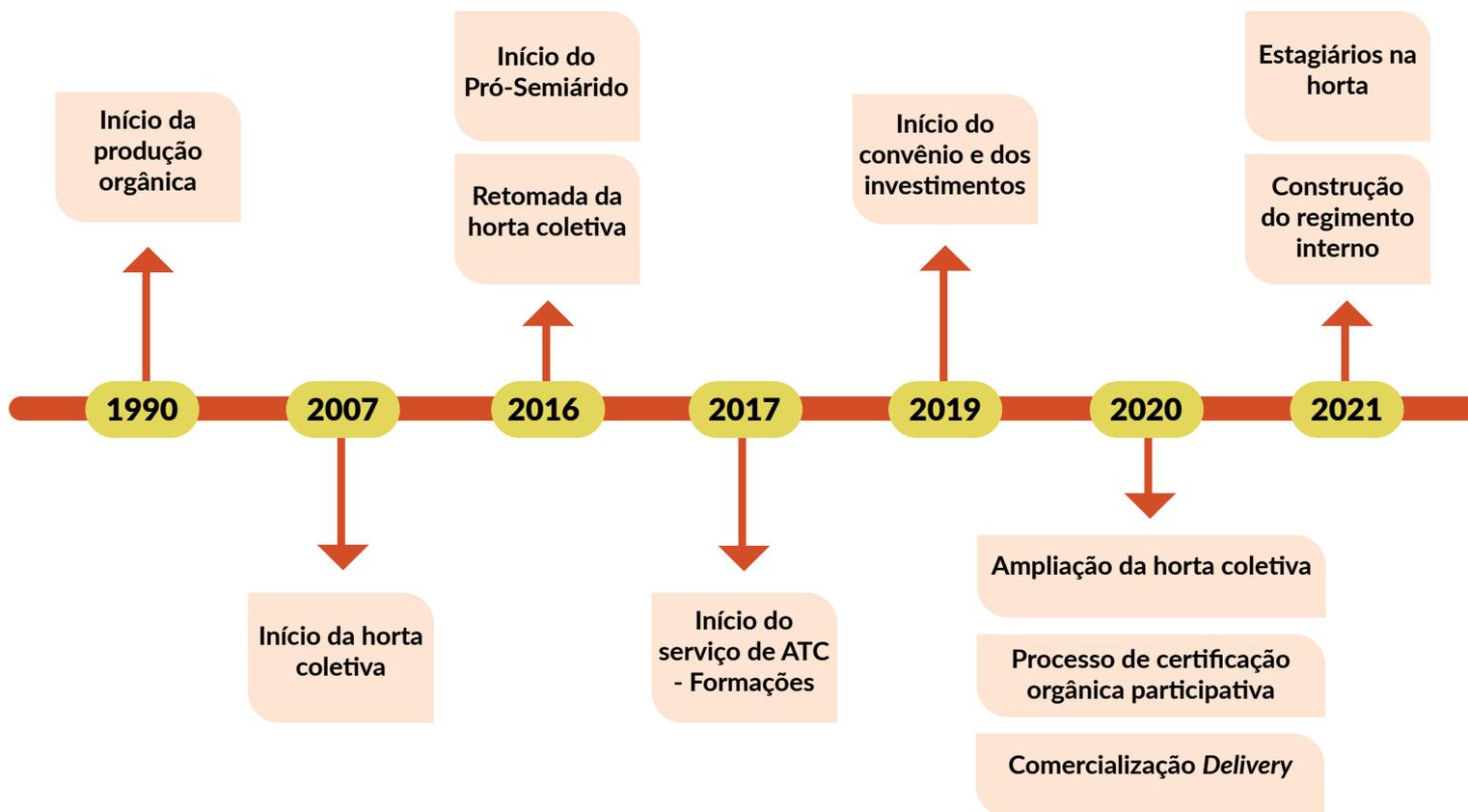


Figura 01 – Linha do tempo do Assentamento São Francisco.

A experiência teve início nos anos 90, quando uma agricultora, ainda durante o período de acampamento, acreditando na produção agroecológica, participou de formações e incentivou outros/as companheiros/as a estabelecerem uma horta coletiva. Em 2007, mais agricultores foram envolvidos na horta comunitária, que inicialmente era cultivada em uma área emprestada, onde um poço foi instalado com uma bomba de água popular (BAP) pelo IRPAA e Diocese de Juazeiro.

Apesar das diversas dificuldades enfrentadas ao longo dos anos e das variações na quantidade de agricultores envolvidos, a horta comunitária nunca foi abandonada, mesmo com momentos de desânimo entre alguns participantes. Em 2016, a chegada do Pró-Semiárido e do serviço de Assessoria Técnica Contínua (ATC) do IRPAA trouxe uma nova esperança para revitalizar o trabalho coletivo e estruturar a horta comunitária.

A partir de 2017, com o convênio produtivo do Pró-Semiárido, foi formado o grupo de interesse em Agrobiodiversidade para a retomada da horta coletiva. Foi elaborado um plano de investimento e as famílias passaram a receber assessoria técnica, participar de formações, reuniões e rodas de aprendizagem. Em 2019, com a liberação dos recursos do convênio para a associação, um dos primeiros investimentos foi a construção de um viveiro coletivo de 728 m<sup>2</sup>. Esse marco incentivou o grupo e possibilitou um retorno à produção coletiva de forma mais intensa e organizada.

O foco foi diversificar a produção de forma agroecológica para garantir a segurança alimentar e nutricional das famílias, promovendo a reciprocidade através de doações para vizinhos e familiares, além da comercialização do excedente nos mercados locais

No ano de 2020, devido ao sucesso da produção agroecológica e ao aumento da adesão de assentados ao trabalho coletivo, a horta coletiva precisou ser ampliada para uma área de 2.500 m<sup>2</sup>. Essa expansão permitiu atender à demanda crescente por tubérculos, feijão, batata-doce e outros alimentos, facilitando o acesso a mercados de ciclo curto, como a venda para outros assentados e comunidades vizinhas. No mesmo ano, iniciou-se a formação do grupo para a certificação orgânica participativa e a comercialização por encomenda, adaptando-se às necessidades impostas pela pandemia de COVID-19.

Em 2021, o grupo se reorganizou com a construção do regimento interno e a integração de alunos de escolas técnicas, que realizaram estágios na horta. Além disso, alunos de mestrado participaram de experimentos, houve diversificação da produção e um aumento significativo das práticas agroecológicas.

Para fortalecer ainda mais as ações dos assentados, foram realizadas diversas atividades práticas e teóricas focadas no trabalho coletivo. Isso incluiu rodas de aprendizagem para discutir a implantação da horta e a produção de insumos como composto orgânico, biocaldas e mudas. Houve também a revitalização dos mutirões para implantação de estruturas, como o viveiro telado, e para atividades de manutenção, preparação de insumos e colheita.

Essas iniciativas despertaram novas demandas por formações voltadas para a organização interna do grupo, a elaboração do regimento interno, a organização para acessar o mercado e a preparação para a certificação orgânica participativa.

Com as diversas intervenções e reflexões promovidas, o grupo de agricultores/as pôde discutir temas como o uso de agrotóxicos nas áreas agrícolas dos assentados, o consumo de alimentos convencionais de origem desconhecida, a qualidade inadequada da alimentação e as práticas convencionais que impactam negativamente o ambiente, além de serem custosas para a produção e prejudiciais para a saúde.

Como resultado dessas reflexões, o grupo implementou diversas ações bem-sucedidas, como o fornecimento de alimentos para cestas básicas durante a pandemia, a produção de mudas de umbuzeiro e espécies nativas para o Recaatingamento da comunidade, tornando-se uma referência na produção coletiva agroecológica dentro do movimento. Além disso, começaram a desenvolver estratégias de mercado, como a comercialização para outras famílias, encomendas em comunidades vizinhas e a entrega por meio de cestas agroecológicas.

Com o trabalho da ATC do Pró-Semiárido, observou-se a demanda por produtos orgânicos. Neste sentido, o grupo foi incluído em uma ação junto à OPAC Rede Povos da Mata, com o objetivo de obter o selo de certificação orgânica participativa. Isso permitiria às famílias acessar mercados como feiras orgânicas, mercados formais e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) orgânico. Assim, foi criado o "Grupo Semeando Agroecologia no Semiárido", tanto para ser reconhecido no assentamento junto ao MST, quanto na certificação orgânica participativa.

Dessa forma, a experiência coletiva construída pelos agricultores/as, com apoio da ATC e suas ferramentas, possibilitou a interação com a segurança alimentar e nutricional, com práticas alimentares promotoras de saúde que respeitam a diversidade cultural e são ambiental, econômica e socialmente sustentáveis. Isso possibilita influenciar processos formativos em outros assentamentos e acessar mercados locais, gerando rendas econômicas e não econômicas, além de reciprocidade.

O que pode ser visto na Tabela 01, onde 9.810 unidades de alimento foram consumidas pelas famílias, representando 18% do total, e 46.010 unidades foram comercializadas, representando 82% do total produzido. Esse levantamento indica que as famílias estão se alimentando bem, com produtos de qualidade, e ainda gerando renda monetária a partir da comercialização em mercados locais de ciclo curto.



**Acesse o QR Code e saiba mais detalhes sobre o processo de certificação orgânica participativa.**



PRODUTO	UNIDADE	QTDE. CONSUMIDA	QTDE. COMERCIALIZADA
Coentro	Molho	500	3.600
Alface	Molho	1.100	4.000
Cebolinha	Molho	500	3.500
Rúcula	Molho	300	3.000
Tomate-cereja	Pacote	900	1.500
Couve	Molho	800	3.600
Salsa	Molho	100	500
Pimentão	Pacote	480	3.000
Pimentinha	Pacote	100	500
Hortelã	Molho	100	250
Berinjela	Pacote	200	1.500
Quiabo	Pacote	200	1.400
Maxixe	Molho	180	1.300
Pepino	Pacote	190	1.200
Abóbora	Kg	1.400	3.600
Batata-doce	Kg	760	3.360
Macaxeira	Kg	800	3.700
Beterraba	Kg	500	3.400
Cenoura	Kg	400	2.100
Feijão-verde	Pacote	300	2.000
<b>19 PRODUTOS</b>		<b>9.810 UND.</b>	<b>46.010 UND.</b>

Tabela 1. Diversidade e quantidade de produtos referente ciclo anual 2021.



A agricultora, Maria do Carmo, na horta coletiva do Assentamento São Francisco. Foto: Fábio Arruda

## RESULTADOS

Com a persistência de alguns agricultores na produção agroecológica, formações realizadas pelo MST para estimular a produção de alimentos saudáveis, somado à chegada de projetos de fomento e assessoria focados na convivência com o semiárido e produção agroecológica, foi possível potencializar a experiência da produção. Foi implantada uma horta coletiva através de um viveiro telado e uma área de produção, totalizando um hectare.

Um dos principais elementos para o sucesso da experiência foi a perseverança dos agricultores e o trabalho da ATC, aliado aos investimentos vinculados ao grupo de interesse, que possibilitaram que o trabalho coletivo se tornasse viável. Além disso, permitiram as trocas entre agricultores e equipe técnica de forma contínua, utilizando como ferramenta as rodas de aprendizagem. Outra metodologia utilizada que contribuiu com resultados foram os intercâmbios - tanto o grupo teve a oportunidade de visitar outras experiências como atualmente vem recebendo visitas. No entanto, alguns agricultores foram convidados e não demonstraram interesse na proposta da produção agroecológica devido ao longo histórico do assentamento na agricultura convencional.

O trabalho coletivo resgatou práticas antigas como os mutirões, reduzindo o custo com a contratação de mão-de-obra e possibilitando a construção de todas as estruturas coletivamente. As ações coletivas trazem o resgate de práticas antigas, mas necessitam de uma articulação e organização do grupo para que todos contribuam de forma equivalente.

Com o aumento da produção da horta e do trabalho coletivo, há diversificação de espécies vegetais e excedente de produção. O primeiro movimento do grupo é o consumo para garantir a segurança alimentar das famílias e a doação de produtos a vizinhos e parentes, reforçando a reciprocidade existente nas comunidades. Essa iniciativa ajuda a melhorar a alimentação de forma coletiva e incentiva a alimentação saudável, proporcionando oferta regular e permanente de alimentos de qualidade e em quantidade.

A experiência da horta coletiva no Assentamento São Francisco é uma possibilidade de produção agroecológica comunitária, que resulta na melhoria da segurança alimentar das famílias e da comunidade, além de ser uma fonte de renda para os agricultores envolvidos. O grupo demonstrou ter autonomia na produção e comercialização, com autoestima e orgulho do que fazem. Além de serem referência de produção agroecológica na região do MST no norte da Bahia, desempenham um papel pedagógico importante dentro do movimento.

O grande diferencial desse grupo é que a produção agroecológica é uma essência de vida, e não apenas um modelo de produção. Outro aspecto importante é a união entre os agricultores envolvidos e a reciprocidade entre eles, que tornam o trabalho organizado, leve e comprometido na luta pela produção de orgânicos dentro do Assentamento São Francisco.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA - ANA (Brasil). **Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas.** Organização de Paulo Petersen. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2017. 1. ed. p. 111-129. ISBN 978-85-87116-28-4.

CARDOSO, E. et al. **Guia metodológico da caderneta agroecológica.** Recife: FIDA, 2019. 38 p.

VERDEJO, M. E. et al. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP.** Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 2010. 62 p. il.

# 04

## Campeinato e Soberania Alimentar



Josiele Oliveira Silva, Fazenda Mata do Estado, Capim Grosso (BA). Foto: Manuela Cavadas

## RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

### **Feiras Agroecológicas como estratégia de organização comunitária e participativa para comercialização de produtos no âmbito do Projeto Pró-Semiárido, município de Campo Formoso – Bahia**

*Agroecological fairs as a community and participatory organization strategy for the commercialization of products within the scope of the Pró-Semiárido Project, municipality of Campo Formoso - Bahia*

SILVA, Djavan da<sup>1</sup>; FREITAS, Maiara de Souza<sup>2</sup>; MAGALHÃES, Telma Sueli e Silva de<sup>3</sup>  
ANDRADE, Elka Kelly de Macêdo<sup>4</sup>.

### RESUMO

Campo Formoso, no norte da Bahia, recebe assistência do Pró-Semiárido, um projeto do Governo do Estado da Bahia executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), com cofinanciamento do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). A assessoria às famílias agricultoras é realizada pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), uma das entidades executoras da Assessoria Técnica Contínua (ATC) do Projeto.

Entre as iniciativas para fortalecer e promover o protagonismo da agricultura familiar destacam-se as feiras agroecológicas. Essas feiras são estratégicas para o escoamento da produção agrícola, preservação da diversidade da cultura popular e alimentar. A comercialização em circuitos curtos, especialmente dos produtos provenientes dos quintais agroecológicos, fortalece a agricultura camponesa e promove o protagonismo das mulheres rurais. Essa dinâmica não só impulsiona a produção rural, mas também promove uma alimentação saudável e contribui para o aumento da renda familiar no campo.

**Palavras-Chave:** Agroecologia; Protagonismo das Mulheres; Sustentabilidade; Semiárido, Comercialização.

**Keywords:** Agroecology; Women's Role; Sustainability; Semi-arid; Commercialization.

<sup>1</sup> Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, djavan@irpaa.org; <sup>2</sup> maiarafreitas@irpaa.org; <sup>3</sup> Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional da Bahia, telmamagalhaes@car.ba.gov.br; <sup>4</sup> elkaandrade@car.ba.gov.br.

## CONTEXTO

O atual cenário da agropecuária brasileira revela grandes potencialidades para o segmento da agricultura familiar, historicamente responsável pela produção de alimentos tanto para a população rural quanto urbana. Considerando que esta região é predominantemente composta por agricultores familiares, é necessário explorar outros temas vivenciados por esses atores.

O município de Campo Formoso está localizado no norte da Bahia, a aproximadamente 401 km de Salvador, e faz divisa com os seguintes municípios: Antônio Gonçalves, Sento Sé, Juazeiro, Senhor do Bonfim, Jaguarari, Umburana, Mirangaba e Sobradinho. O município abrange uma área de cerca de 7.258,574 km<sup>2</sup> e possui uma vegetação bastante heterogênea, dividida em três zonas fitogeográficas distintas: zona do tabuleiro, zona da gruta e zona da Caatinga. Essas características revelam o grande potencial ambiental e agropecuário da região, embora há alguns anos boa parte da população rural enfrentasse diversas dificuldades (Blog Ambiental Campo Formoso, 2013).

Nessa perspectiva, chega a este município uma iniciativa de boas práticas para o desenvolvimento rural que, até então, nunca havia sido implementada na região: o Pró-Semiárido. O Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável da Região Semiárida da Bahia é parte integrante de um conjunto de compromissos do Estado da Bahia para avançar na erradicação da pobreza, levando serviços e investimentos diretamente para a população, por meio de um acordo de empréstimo firmado com o FIDA e a Organização das Nações Unidas (ONU).

A execução do Projeto é realizada pela CAR, que contratou o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) como entidade executora da Assessoria Técnica Contínua (ATC). Em linhas gerais, o Pró-Semiárido atua em comunidades agrupadas, levando em consideração as características culturais, sociais e geográficas, formando blocos denominados Territórios Rurais (TR). O nome "território" possui um caráter pedagógico e estratégico do ponto de vista etimológico e histórico das comunidades tradicionais.

Por meio da ação da entidade parceira IRPAA, executora da assessoria qualificada, embasada na convivência com o Semiárido e nos princípios da agroecologia, são realizadas atividades desde junho de 2016, quando iniciaram as atuações de campo em nove territórios rurais. Cada Território Rural (TR) é composto por quatro comunidades, totalizando 36 comunidades rurais nos quatro cantos do município de Campo Formoso, alcançando um total de 1.080 famílias beneficiadas pelas ações do Pró-Semiárido.

Para a sustentabilidade da vida no campo, assim como na cidade, é essencial o acesso a alimentos em quantidade e qualidade, bem como a outros serviços básicos. Nessa perspectiva, o Projeto propõe a organização de agricultoras e agricultores em grupos produtivos, despertando a necessidade de produzir e consumir alimentos limpos de forma saudável, dentro de uma abordagem agroecológica.



Adalvo Loula Dourado da comunidade Grota da Gia, Antônio Gonçalves (BA), comercializando na feira agroecológica de Senhor do Bonfim (BA) - Foto: Manuela Cavadas

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O Pró-Semiárido utiliza metodologias diferenciadas e específicas, destacando-se os Dias de Estudos, as Rodas de Aprendizagem, os Indicadores de Sustentabilidade em Agroecossistemas (ISA), os Indicadores de Transição Agroecológica (ITA), as Anotações Zootécnicas (Anote) e as Cadernetas Agroecológicas. Entre os diversos instrumentos metodológicos empregados pela iniciativa, alguns se destacam como fundamentais e foram utilizados com maior ênfase na experiência:

A metodologia de inserção dos(as) agricultores(as) nos grupos produtivos, chamados de grupos de interesse, com investimentos financeiros que atendem à demanda de cada território rural, apresenta-se como uma grande sacada que preconiza construir propostas na base, levando em consideração o saber local e as experiências das famílias;

As Cadernetas Agroecológicas, um instrumento político-pedagógico criado pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) para mensurar e dar visibilidade ao trabalho das agricultoras, colaborando para a promoção da sua autonomia (CARDOSO et al., 2019);

As rodas de aprendizagem, metodologia baseada na tese de Paulo Freire em que o aprendizado coletivo é construído a partir das relações sociais, fortalecendo melhorias das atividades realizadas nos grupos de interesse, caracterizada por momentos de troca de experiências vivenciadas entre agricultores e agricultoras e até mesmo agricultores(as) e técnicos(as), permitindo uma reflexão sobre a necessidade de espaços de formação sobre a convivência com o Semiárido (FREIRE P, 1995).

No contexto atual, durante a formação dos grupos de interesse, surgiu a necessidade de criar grupos voltados para a produção em quintais agroecológicos. Esses grupos destacam-se como um grande potencial para o segmento da agricultura familiar, que historicamente é responsável pela produção de alimentos para a população rural e urbana. Com a presença contínua de assessoria técnica, que contribui para o conhecimento agroecológico das famílias, a produção nos quintais au-





Diversidade da produção das famílias agricultoras dos Assentamentos Lagoa de Dentro I e II, das comunidades Mucunã, Cais e Santa Luzia, município Ourolândia. Foto: Manuela Cavadas

mentou consideravelmente. O excedente desses produtos passou a ser uma alternativa comercial, ampliando o acesso não apenas à segurança alimentar e nutricional, mas também a novas oportunidades de mercado.

Encontrar alternativas para a comercialização de produtos da agricultura familiar é uma tarefa árdua, que exige enfrentamento técnico e econômico. O escoamento desses produtos é um dos principais desafios, pois, de maneira geral, requer soluções para a problemática da logística. Entre as alternativas viáveis, destacam-se a comercialização em feiras livres, mercados institucionais ou convencionais, conhecidos como circuitos curtos.

No município de Campo Formoso, organizações da sociedade civil se articularam para implantar feiras agroecológicas. Esses eventos oferecem um espaço para a exposição de produtos da agricultura familiar, produzidos sem agrotóxicos ou insumos químicos, seguindo os princípios da agroecologia. Isso garante alimentos limpos, em conformidade com o meio ambiente, e valoriza a vida, além de promover a inclusão de gênero, juventude e questões geracionais. A feira acontece quinzenalmente, às quartas-feiras, das 07h às 14h.

Atualmente, trinta expositores das comunidades de Algodões, Alvaçã, Alagadiço, Borda da Mata, Vila dos Pauzinhos, Boa Vista dos Pauzinhos, Lagoa Branca, Salgada, Puxadeira, Lagoa da Roça, Campo de Fora, Mandacaru, Pilões, Brejo do Tamanduá, Lagoa do Pastoreador e Serra dos Morgados comercializam uma variedade de produtos, como alface, coentro, cenoura, beterraba, andu, feijão, tapioca, farinha, tomate cereja, tangerina, maracujá, maracujina, banana, café, beiju, seriguela, manga, acerola, abacate, entre outros. A feira agroecológica também apresenta produtos artesanais feitos com fibra de sisal, couro, tecidos, madeira, barro e materiais encontrados no bioma Caatinga. Entre os expositores, cerca de 99% são mulheres, que trabalham arduamente na labuta da terra nos quintais agroecológicos, utilizando a metodologia das cadernetas agroecológicas.

## RESULTADOS

Buscando alinhar a geração de renda à sustentabilidade da produção das famílias agricultoras envolvidas no Pró-Semiárido, observou-se que as feiras agroecológicas fortaleceram os arranjos produtivos locais. Esse fortalecimento contribuiu para a melhoria da qualidade de vida dos agricultores familiares, com destaque para a significativa participação das mulheres expositoras.

Outro fator importante a ser considerado é o uso da Caderneta Agroecológica como mecanismo de empoderamento das mulheres, valorização do trabalho e, sobretudo, consolidação da importância do papel feminino na lida com a terra, fortalecendo a agricultura camponesa.

Essas ações proporcionaram um grande aprendizado para a equipe técnica, membros das organizações da sociedade civil e agricultores familiares, pois a troca de experiências foi fundamental para elaborar planos de ação. Esses planos visam mapear a produção nos quintais agroecológicos, realizar rodas de aprendizagem específicas para a monetização dos produtos, além de promover oficinas e treinamentos práticos sobre o tema. A imensa maioria dos participantes relatou que momentos como esses são essenciais para fortalecer as co-

munidades e as famílias. O objetivo da feira agroecológica vai além da comercialização dos produtos da agricultura camponesa, incluindo o fortalecimento da cultura e o resgate de hábitos perdidos ao longo dos anos no Semiárido. Um bom exemplo disso são os momentos de permuta na feira, onde os expositores trocam produtos de igual valor, criando laços de saudade e valorização cultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOG AMBIENTAL CAMPO FORMOSO. **Zonas Fitogeográficas de Campo Formoso**. Disponível em: <http://ambientalcampo-formoso.blogspot.com/22013013/06/zonas-fitogeograficas-de-campo-formoso.html>. Acesso em: 16 jun. 2023.

CARDOSO, E. et al. **Guia metodológico da caderneta agroecológica**. Recife: FIDA, 2019. 38 p.

REIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

05

# Crise Ecológica e Mudanças Climáticas: Resistências e Impactos na Agricultura, nas Águas e nos Bens Comuns



Foto: Fábio Arruda

## RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

### Estratégias para enfrentamento às Mudanças Climáticas: Propostas Resilientes no âmbito do Pró-Semiárido

*Strategies for tackling Climate Change: Resilient Proposals within the scope of the Pró-Semiárido*

ALMEIDA, Luís Santos<sup>1</sup>; RIBEIRO, Bruna Silva de Moraes<sup>2</sup>; RAMOS, Carlos Henrique de Souza<sup>3</sup>; MORAES, Victor Leonam Aguiar<sup>4</sup>; AMARANTE, Emanuel Freitas<sup>5</sup>.

### RESUMO

Coerente com os princípios da convivência com o Semiárido, o Pró-Semiárido, atuante no semiárido da Bahia, tem estimulado a gestão sustentável dos recursos naturais, promovendo ações ambientais com a implantação de tecnologias sociais de baixo impacto ambiental, como os Fogões Ecoeficientes, Biodigestores, tecnologias de saneamento e de armazenamento de água, e produção de biomassa. Em parceria com o IRPAA, vem desenvolvendo ações de Recaatingamento, com foco na conservação e recuperação da Caatinga, além da promoção da campanha Defensores da Caatinga. Com o objetivo de estimular a consciência conservacionista e a proteção ao bioma, observaram-se avanços nessas discussões, bem como no uso de tecnologias capazes de reduzir as emissões de gases de efeito estufa e no uso da biomassa vegetal, no reuso da água domiciliar para irrigação, e na economia gerada com o uso dos biodigestores. Isso demonstra que o reaproveitamento da água e o cuidado com o meio ambiente e a saúde pública são saídas exitosas para a sustentabilidade ambiental.

**Palavras-Chave:** Ações Ambientais; Tecnologias Sociais; Recaatingamento; Sustentabilidade Ambiental.

**Keywords:** *Environmental Actions; Social Technologies; Recaatingamento; Environmental Sustainability.*

<sup>1</sup> Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, luis@irpaa.org; <sup>2</sup> Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional da Bahia, <sup>3</sup> chenriquemos@yahoo.com.br; <sup>4</sup> victorleonam@gmail.com; <sup>5</sup> emanolfreitas@car.ba.gov.br.

## CONTEXTO

O IPCC – Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas defende a necessidade de reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) em 50% até 2030 e atingir emissões líquidas zero até 2050, de forma a conter o aumento da temperatura da Terra em até 1,5°C. Os desastres naturais relacionados a essas mudanças estão atingindo especialmente as populações mais vulneráveis, como as comunidades agropastoris e extrativistas, e os ecossistemas mais fragilizados, como as regiões semiáridas, levando ao agravamento da insegurança alimentar e hídrica.

A solução proposta pelo sexto relatório de avaliação é o "desenvolvimento resiliente ao clima", envolvendo medidas de adaptação às mudanças climáticas através de ações que visam reduzir ou evitar as emissões de GEE, proporcionando benefícios sociais e econômicos de forma ampla e igualmente distribuídos (IPCC, 2023).

Como consequência deste cenário adverso ao meio ambiente e ao fortalecimento de uma agricultura familiar de base sustentável e agroecológica, as tecnologias sociais se apresentam como alternativa de convivência, desenvolvimento e defesa do meio ambiente.

***As tecnologias sociais fundamentam-se em metodologias, pesquisas e conhecimentos populares, desenvolvidas e aplicadas a partir da interação com os povos tradicionais, representando soluções para a redução da vulnerabilidade econômica, melhoria das condições de vida e inclusão social que caracterizam estes grupos (DAGNINO, 2014).***

Coerente com os princípios da convivência com o Semiárido e da Agroecologia, o Projeto Pró-Semiárido, visando garantir a autonomia das famílias e estimular e reforçar a gestão sustentável dos recursos naturais em seus territórios de atuação, promoveu ações ambientais a partir da implementação de tecnologias sustentáveis de convivência com o Semiárido e ações de conscientização sobre as mudanças climáticas.

O enfoque dessas ações objetivou, prioritariamente, a mitigação dos efeitos do desmatamento e da desertificação, a manutenção dos serviços ecossistêmicos associados, como o sequestro e fixação de carbono, e a conservação e recuperação do bioma Caatinga, que é à base da vida, produção e reprodução das comunidades agropastoris e extrativistas.



Colheita do umbu na comunidade Caladinho, município de Uauá (BA). Foto: Fábio Arruda

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Entre os anos de 2019 e 2023, o Pró-Semiárido, projeto do Governo do Estado da Bahia, executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), e cofinanciado pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), potencializou o estímulo e reforçou a gestão sustentável dos recursos naturais por meio do desenvolvimento de *Ações Ambientais*. Estas ações visaram promover a conservação e recuperação do bioma Caatinga, implementar tecnologias sustentáveis de convivência com o Semiárido e amplificar a conscientização sobre as mudanças climáticas.

Em parceria com o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA, o Projeto vem desenvolvendo ações de Recaatingamento, capacitando famílias agricultoras a serem protagonistas na conservação e recuperação do ambiente em que vivem, além do financiamento de um conjunto de tecnologias desenvolvidas socialmente. Essas ações foram implementadas em comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, comunidades Quilombolas e Assentamentos de Reforma Agrária, distribuídas em três Territórios de Identidade:

- a) Território Piemonte da Diamantina - município de Mirangaba;**
- b) Território Piemonte Norte do Itapicuru - municípios de Campo Formoso, Andorinha e Jaguarari;**
- c) Território Sertão do São Francisco - municípios de Campo Alegre de Lourdes, Casa Nova, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Uauá.**

Foram elaborados convênios com associações locais, que resultaram na proposição de tecnologias sociais sustentáveis. O debate sobre a ação ambiental foi iniciado na elaboração dos planos, com o intuito de estabelecer um processo contínuo de diálogo e troca de saberes, fazendo uso da pedagogia dialógica freiriana, de forma que dialogasse com as demandas dos agricultores e agricultoras.

Realizaram-se também oficinas e rodas de aprendizagem para a sensibilização e formação da consciência ambiental e agroecológica, abordando os processos de desertificação da Caatinga, contaminação dos solos proveniente da má destinação do lixo e/ou esgoto doméstico, uso sustentável da biomassa vegetal para produção de energia, construção de Planos de Manejo Ambiental das áreas coletivas, além do isolamento e promoção da sucessão secundária do Bioma Caatinga.



Acesse o QR Code e assista ao vídeo sobre a experiência do Recaatingamento no sertão baiano.



Desta forma, foram implementadas diversas tecnologias socialmente sustentáveis, com destaque para as tecnologias de incentivo às atividades econômicas de baixo impacto ambiental nas áreas de Recaatingamento, como a construção de meliponários para a criação de abelhas nativas e a promoção de áreas de SAF - Sistemas Agroflorestais, para a produção sustentável de frutas nativas e forrageiras.

Destacaram-se também as inovações tecnológicas na produção de energia, como os Fogões Ecoeficientes, Biodigestores e Placas de Energia Fotovoltaica; inovações tecnológicas no saneamento básico rural, como o Reuso de Águas Cinzas (Bioágua) e Reúso de Esgoto Total (UASB), além da construção de banheiros que complementam o saneamento domiciliar; e inovações tecnológicas no armazenamento de água pluvial e produção de biomassa, como as Cisternas de Placa (16m<sup>3</sup>) e Cisternas de Produção (50m<sup>3</sup>), junto aos viveiros coletivos, além dos Barreiros-trincheira com cobertura e geomembrana para a dessedentação animal. Estas ações beneficiaram aproximadamente 600 famílias (2.400 pessoas), sendo que mais de 50% deste público é composto por mulheres e jovens.

Além de fomentar a instalação das tecnologias sustentáveis para convivência com o Semiárido, o Projeto promoveu a campanha "Defensores da Caatinga". Esta ação teve como objetivo desenvolver a consciência conservacionista e de proteção ao bioma Caatinga, através da realização de práticas e eventos promotores da sensibilização ambiental nas comunidades (Figura 1).

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As ações ambientais desenvolvidas pelo Pró-Semiárido representam estratégias essenciais para enfrentar as mudanças climáticas de forma contínua, com foco na preservação e restauração ambiental, na saúde pública e na reutilização da água na agricultura. Estas ações são fundamentais para a convivência sustentável no Semiárido.

Assim, foram observados avanços significativos nas discussões sobre as mudanças climáticas e na importância da preservação do Bioma Caatinga, através das iniciativas de Recaatingamento. Além disso, destacam-se as tecnologias socioambientais implementadas, que reduzem as emissões de gases de efeito estufa, minimizam o uso de biomassa



Figura 01 – Campanha Defensores da Caatinga - Comunidade Malhada de Areia – TR Flor da Caatinga (Juazeiro-BA).

vegetal, reutilizam água doméstica para irrigação de fruteiras e forrageiras, e proporcionam economia através do emprego de biodigestores (Figura 2).

É enfatizado que, em regiões semiáridas, o reaproveitamento da água e o cuidado com o meio ambiente e a saúde pública constituem uma estratégia bem-sucedida para a sustentabilidade ambiental.

O Pró-Semiárido investiu R\$ 3.282.608,12 em tecnologias sociais sustentáveis que, aliadas ao acompanhamento e orientação técnica, fortaleceram as práticas sustentáveis e a consciência ambiental nas comunidades. Entre as ações inovadoras de grande relevância no contexto da adaptação às mudanças climáticas, destacou-se a construção de tecnologias sociais.



Foram instalados **306**  
Fogões Ecoeficientes;



**22** Biodigestores;



**49** Sistemas de Reúso de  
Águas Cinzas (Bioágua);



**18** Sistemas de Reuso  
de Esgoto Total (UASB);



**43** banheiros;

Foram implementadas tecnologias  
de armazenamento de água pluvial  
e produção de biomassa incluindo:



**86** cisternas de  
placa (16m<sup>3</sup>);



**28** cisternas de  
produção (50m<sup>3</sup>);



**28** viveiros coletivos;



**13** barreiros trincheira  
com cobertura e  
geomembrana para a  
dessedentação animal.



Foto: Manuela Cavadas.

A pesquisa de Ventura et al. (2011) destaca o significativo potencial das tecnologias sociais na mitigação das mudanças climáticas, ao mesmo tempo em que melhoram as condições de vida dos agricultores do semiárido baiano. Nessa perspectiva, os Fogões Ecoeficientes demonstram uma redução estimada de aproximadamente 50% no consumo de lenha em relação aos fogões tradicionais, com uma emissão esperada de 3,39 toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente e de GEE (CO<sub>2</sub>, CH<sub>4</sub> e N<sub>2</sub>O) por fogão (AKSAAM; IPPDS/UFV; PSA, 2021).

Para os 306 fogões ecológicos construídos pelo Projeto, estima-se uma redução total esperada de emissões de GEE de aproximadamente 10.170 toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente ao longo de 10 anos. Em contrapartida, muitas famílias rurais já adotaram fogões a gás, como o Gás Liquefeito de Petróleo (GLP), um combustível fóssil não renovável de custo elevado, gerando impactos negativos no meio ambiente e na economia doméstica.

A implantação de biodigestores responde de forma positiva a essas questões, uma vez que a tecnologia com capacidade de 3m<sup>3</sup> (implementada no Projeto) tem o potencial de gerar entre 1,5 e 2,1 m<sup>3</sup> de biogás por dia. Esse volume de biogás atende à demanda de uma família com qualidade e eficiência.

A promoção de ações de saneamento é fundamental, pois envolve bens essenciais à vida, à saúde das pessoas e ao meio ambiente, como o abastecimento e coleta de água, o tratamento e a destinação adequada dos resíduos (MORAES, et al. 2023). No caso do Reuso de Águas Cinzas, aproximadamente 1,5 mil litros de água são tratados por semana, o que corresponde ao consumo médio de uma família com cinco pessoas. Ao longo de um ano, esse potencial de tratamento pode alcançar até 78 mil litros de efluentes tratados. Já o Reuso de Esgoto Total, implementado no Projeto, foi dimensionado para tratar uma vazão de 750 litros por dia por família de efluentes. Anualmente, esse sistema pode tratar até 273.750 litros de efluentes totais de um domicílio.

Portanto, as tecnologias de saneamento básico rural têm o potencial de proporcionar a reciclagem da água, resultando em benefícios socioambientais ao prevenir doenças e perda da biodiversidade, além de benefícios econômicos ao incrementar a produção de frutas e forragens.

As ações de Reaatingamento contribuirão significativamente para o processo de recuperação de 1.000 hectares de áreas de Caatinga degradadas, por meio do isolamento dessas áreas, o que promoverá a sucessão secundária da Caatinga (Figura 3). Além disso, essas ações potencializaram a conservação de 10.000 hectares em comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, comunidades Quilombolas e Assentamentos de Reforma Agrária. A conservação e recuperação dessas áreas são realizadas de forma contínua, através do uso e manejo sustentável das áreas coletivas, conforme estabelecido pelo Plano de Manejo Sustentável, um documento elaborado coletivamente pelas comunidades.

Entre os temas acordados no documento, destacou-se a gestão ambiental, o planejamento das atividades extrativistas de forma sustentável e a adequação da capacidade de suporte animal das áreas individuais e coletivas. A conservação da Caatinga tem o potencial de evitar a emissão de gases de efeito estufa e a ação de "reaatingar" significa um aumento no sequestro de gás carbônico da atmosfera. Conforme Mendes, et al. (2020), a Caatinga possui o potencial de sequestrar até 1,5 toneladas de carbono por hectare ao ano.

Nessa perspectiva, para as ações do Projeto, os impactos ambientais futuros são estimados em cerca de 30.000 toneladas de carbono sequestrado, dentro das áreas isoladas, no prazo de 20 anos.



**Acesse a publicação:  
Sistema de Tratamento de  
Esgoto e Reúso Agrícola:  
uma contribuição ao  
saneamento básico rural.**





Foto aérea de Recaatingamento no período seco, comunidade Malhada da Areia, em Juazeiro (BA). Foto: Fábio Arruda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKSAAM; IPPDS/UFV; PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO (PSA). **Relatório de pesquisa: consumo residencial de lenha das famílias rurais em vulnerabilidade social no Semiárido Baiano**. 2021. Disponível em: <https://aksaam.ufv.br/ToolSys/Download/Publicacao/36/32>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- DAGNINO, R. **Tecnologia social: contribuições conceituais e metodológicas**. Campina Grande: EDUEPB, 2014. 318 p.
- IPCC. Summary for policymakers. In: **Climate Change 2023: Synthesis Report. A Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change**. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Core Writing Team, H. Lee and J. Romero (eds.)]. Geneva: IPCC, 2023. 36 p.
- MENDES, R. K. et al. **Seasonal variation in net ecosystem CO<sub>2</sub> exchange of a Brazilian seasonally dry tropical forest**. *Sci Rep*, v. 10, n. 9454, 2020
- MORAES, V. L. A. et al. **Sistemas de tratamento de esgoto e reuso agrícola: uma contribuição ao saneamento básico rural**. Juazeiro: Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA, 2023. 74 p.
- VENTURA, A. C.; FERNANDEZ, L.; TRUJILLO, R. **Potencial das tecnologias sociais para o enfrentamento das mudanças climáticas e para a promoção do desenvolvimento humano: um olhar sobre o semiárido baiano**. *Revista Bahia Análise & Dados*, v. 21, n. 4, p. 915-931, 2011.



Foto: Gabriela Queiroz



06

# Manejo de agroecosistemas



Foto: William França

## RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

### Monitoramento e avaliação de sistemas agroflorestais utilizando o método lume

*Monitoring and evaluation of agroforestry systems using the lume method.*

RAMOS, Carlos Henrique de Souza<sup>1</sup>; AMARANTE, Emanuel<sup>2</sup>;  
MORAES, Victor Leonam Aguiar<sup>3</sup>.

### RESUMO

Este artigo procura analisar os efeitos de um Sistema Agroflorestal implantado em 2019 em uma Unidade Agrícola Familiar no município de Juazeiro-BA, utilizando o método Lume. Agroecossistemas mais resilientes e de melhor eficiência ecológica são uma necessidade real da sociedade moderna. Assim, os Sistemas Agroflorestais (SAF) se apresentam como uma alternativa promissora, pois trazem os princípios de funcionamento dos ecossistemas florestais, que, por sua vez, demandam inúmeros estudos para serem melhor compreendidos à luz da Agroecologia. O método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas – Lume, tem como objetivo estudar o impacto que as atividades agrícolas têm nas famílias agricultoras, tanto no âmbito social, no ecológico, quanto no econômico, procurando caracterizar os fluxos de recursos entre os subsistemas de produção de forma pertinente para identificar e otimizar o uso dos recursos ambientais e financeiros para transformá-los em ativos.

**Palavras-Chave:** Sistemas agroflorestais; Análise econômica-ecológica; Agricultura familiar.

**Keywords:** *Agroforestry systems; Economic-ecological analysis; Family farming.*

---

<sup>1</sup> Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional da Bahia, chenriquemos@yahoo.com.br; <sup>2</sup> emanoelfreitas@car.ba.gov.br;

<sup>3</sup> victorleonam@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Numa perspectiva agroecológica, os sistemas agroflorestais são entendidos como arranjos sequenciais de espécies ou de consórcios de espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas, por meio dos quais se busca, ao longo do tempo, reproduzir uma dinâmica sucessional natural, visando atender demandas humanas de modo sustentável. Dessa forma, o uso de agroflorestas visa equilibrar os estímulos ecológicos e econômicos. Esse processo, em teoria, pode criar um sistema de agricultura sustentável que reduz o tempo de pousio, mantém fluxo de caixa constante por meio da diversidade de produção, combina objetivos de curto e longo prazo e mantém a terra em estágios diferentes de sucessão secundária.

Por sua vez, a análise ecológica-econômica de agroecossistemas, o método Lume, tem ajudado os agricultores nessa reflexão, uma vez que procura dar visibilidade a relações econômicas, ecológicas e políticas que não são objeto de análise pelos métodos utilizados pela economia convencional, apesar de escassas as ferramentas analíticas que permitam atestar a superioridade das racionalidades econômicas e ecológicas dos agroecossistemas de gestão familiar sobre a lógica empresarial que informa o capitalismo agrário. Daí a opção pela análise ecológica-econômica de agroecossistemas (Método Lume) para o monitoramento e avaliação de Sistemas Agroflorestais de base agroecológica de que trata este artigo.

Este trabalho faz uso da aplicação do método Lume para monitoramento e avaliação de um Sistema Agroflorestal, utilizando o agroecossistema da família Gonçalves, situado no município de Juazeiro, Bahia, na Unidade Geoambiental Baixada do Rio Salitre, com vegetação predominante de Caatinga arbórea densa e aberta, sob ação do clima árido e precipitação média anual entre 400 e 500 mm. O Núcleo Social de Gestão do Agroecossistema (NSGA) é composto por quatro membros: além do casal Valmira e Edson, a família Gonçalves é integrada pelos filhos jovens Emily e Bento.

## METODOLOGIA

O método orienta a construção de conhecimentos em etapas sucessivas de levantamento e análise de informações e dados sobre o funcionamento econômico-ecológico de agroecossistemas. O levantamento de informações e dados é realizado por meio de entrevista semiestruturada conduzida com os membros dos Núcleos de Gestão dos Agroecossistemas (NSGA). A entrevista é realizada em duas etapas, durante visitas a campo. Na primeira visita, são levantadas informações de natureza qualitativa sobre a estrutura e o funcionamento do agroecossistema. Para tanto, conta com o auxílio do guia de questões, que delimita os focos de atenção e os procedimentos metodológicos para o registro das informações. Em PETERSEN et al. (2017) e PETERSEN et al. (2021) encontram-se os conceitos e procedimentos metodológicos requeridos para o entendimento e aplicação do método.

A descrição da trajetória do agroecossistema tem por objetivo resgatar as inovações/mudanças significativas na sua estrutura e no seu funcionamento ao longo do tempo. O diálogo com os membros da família é orientado por um guia de questões que busca explorar a evolução de fatores determinantes para a atual configuração do agroecossistema. A interpretação das informações registradas na linha do tempo pode ser realizada em dois sentidos complementares. No sentido longitudinal, ao longo dos anos, são identificadas mudanças ocorridas na trajetória.

A modelização do agroecossistema é realizada em três momentos: **(I) Representação da estrutura do agroecossistema;** **(II) Representação do funcionamento do agroecossistema** (definição dos fluxos); e **(III) Qualificação e quantificação dos fluxos**. Elaborados na forma de diagramas de fluxos, os modelos têm o objetivo de facilitar a comunicação sobre o complexo de informações envolvido na organização interna do agroecossistema, bem como suas relações com o exterior (suprassistemas).

Os produtos representados nos fluxos de saída dos subsistemas só podem seguir dois destinos: o NSGA (representando produtos convertidos em rendas não monetárias) ou os suprassistemas. Neste último caso, se o destino for o mercado, o fluxo representa a conversão do produto em renda monetária. Se o destino for a comunidade, o fluxo representa a conversão do produto em renda não monetária (admitindo que esse fluxo de saída será de alguma forma recompensado por intermédio de mecanismos de reciprocidade).

A segunda etapa da entrevista tem por objetivo levantar novas informações e dados para refinar e aprofundar a análise do agroecossistema realizada. A entrevista se inicia com a apresentação e o debate das sistematizações e análises previamente realizadas. Além de obter informações adicionais para aperfeiçoar a análise qualitativa do agroecossistema, a segunda etapa é dedicada à coleta de dados para a realização de uma análise quantitativa do desempenho econômico do agroecossistema.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A família Gonçalves iniciou a implantação do subsistema SAF na sua propriedade a partir de 2019, de onde pode-se verificar a influência exercida por esse subsistema nos diversos atributos sistêmicos, na análise qualitativa e principalmente na análise quantitativa. A modelização do agroecossistema da família apontou dez subsistemas principais:

**1. Sistema Agroflorestal;**  
**2. Caprinovinocultura;**  
**3. Avicultura;**  
**4. Horta;**

**5. Cultivos Anuais;**  
**6. Suinocultura;**  
**7. Fruticultura de Sequeiro;**

**8. Beneficiamento;**  
**9. Área de Caatinga**  
**10. Quintal.**

Pode-se observar que o SAF, apesar de ser um subsistema recente dentro desse agroecossistema, interage com 80% dos subsistemas e mediadores de fertilidade, com entradas e saídas de insumos. Isso reflete a importância do subsistema SAF no Agroecossistema em estudo, tanto nos aspectos qualitativos como quantitativos.

A partir dos fluxos de produtos do agroecossistema da família Gonçalves, observou-se que, em dois anos após a sua implantação, o subsistema SAF já conseguia encaminhar produtos para o núcleo familiar, contribuindo com a renda não monetária e segurança alimentar e nutricional. Seus produtos também são destinados ao mercado, colaborando com o incremento da renda monetária familiar. As relações de reciprocidade estabelecidas com a comunidade caracterizam uma dinâmica de dádiva e de redistribuição, criadora de sociabilidade. Para Sabourin (1999), trata-se de ação ou prestação efetuada sem expectativa imediata ou sem certeza de retorno, com vista a criar, manter ou reproduzir a sociabilidade e comportando, portanto, uma dimensão de gratuidade.

No sentido de uma avaliação mais precisa na composição das rendas do agroecossistema da família Gonçalves, bem como verificar a influência do SAF no resultado geral, utilizou-se um artifício de comparar duas situações: a primeira, original e com a participação do SAF; na segunda situação, sem o subsistema SAF. Nesta última, são retirados todos os dados do SAF, no sentido da geração de dados econômicos sem a contribuição

INDICADOR	SIGNIFICADO	COM SAF (R\$)	SEM SAF (R\$)	DIFERENÇA	% DA DIFERENÇA
PRODUTO BRUTO	(PB) SOMÁRIO DE PRODUTOS	29.868,70	25.263,00	4.605,70	<b>15,42</b>
PRODUTO AGREGADO	(VA) RECEITA BRUTA - CONSUMOS INTERMEDIÁRIOS	24.600,10	20.901,00	3.699,10	<b>15,04</b>
CONSUMO INTERMEDIÁRIO	(CI) INSUMOS ADQUIRIDOS NO MERCADO	4.679,00	4.274,00	405,00	<b>8,66</b>
VALOR AGREGADO TERRITORIAL	(VAT) VALOR AGREGADO - CIFT	25.300,00	21.601,00	3.699,00	<b>14,62</b>
CONSUMO INTERMEDIÁRIO FORA DO TERRITÓRIO	(CIFT)	3.979,00	3.574,00	405,00	<b>10,18</b>
RENDA AGRÍCOLA	(RA) VALOR AGREGADO - PAGAMENTO A TERCEIROS	23.640,00	19.941,00	3.699,00	<b>15,65</b>
CUSTO DE PRODUÇÃO	(CP) CONSUMOS INTERMEDIÁRIOS + PAGAMENTO A TERCEIROS	4.679,00	4.271,00	408,00	<b>8,72</b>
RENDA AGRÍCOLA MONETÁRIA	(RAM) RA - [AUTOCONSUMO + DOAÇÕES RECEBIDAS]	9.092,00	7.820,00	1.272,00	<b>13,99</b>

Quadro 1 - Comparativo entre as situações com SAF e sem SAF.



Família Silva comercializando seus produtos na feira agroecológica do distrito de Massaroca, Juazeiro (BA). Foto: Fábio Arruda

do subsistema SAF, como pode ser acompanhado no quadro 1 abaixo. Observa-se uma vantagem bem interessante para a análise da situação com SAF, notadamente no Produto Bruto (15,42%), no Valor Agregado (15,04%) e na Renda Agrícola (15,65%).

O Produto Bruto (PB) corresponde ao somatório de todos os produtos obtidos no agroecossistema durante o exercício: (i) bens da produção vegetal e animal vendidos, (ii) bens produzidos e autoconsumidos, (iii) doados ou utilizados para fazer pagamentos em espécie, avaliados pelo preço que seria pago caso comprados nos mercados, e (iv) estocados. Na situação com SAF, o PB alcançou R\$ 29.868,70, enquanto que, sem o SAF no agroecossistema, o PB não passou de R\$ 25.263,00, o que demonstra uma diferença de R\$ 4.605,70 creditada à presença do subsistema SAF.

Outro indicador interessante na avaliação e monitoramento dos SAFs é o Valor Agregado (VA), que equivale ao somatório dos valores da (i) produção vendida, (ii) autoconsumida, (iii) doada e/ou trocada, descontado dos custos relacionados aos consumos intermediários (custo dos insumos adquiridos no mercado). O VA pode ser entendido também como a nova riqueza gerada de fato pelo trabalho do núcleo social de gestão do agroecossistema. A análise do método LUME demonstrou que o SAF alcançou um VA de R\$ 3.049,00, o que representa 12,4% do VA aferido para todo o agroecossistema. A média de VA dos 10 subsistemas ficou em torno de R\$ 2.460,00, enquanto que o SAF já apresenta um valor agregado superior.

A imagem reproduzida na Figura 1 abaixo representa o diagrama-síntese que demonstra uma visão agregada dos fluxos econômico-ecológicos no agroecossistema numa situação com SAF, ou seja, do processo de conversão de recursos em produtos. No lado esquerdo do diagrama são reproduzidos três gráficos de barras empilhadas que representam os equivalentes monetários dos recursos produtivos mercantis (recursos que entram no processo como mercadorias – R\$ 5.639,60), os recursos reproduzidos (insumos produzidos em ciclos produtivos precedentes – R\$ 14.641,30) e os recursos recebidos (recursos mobilizados por meio de relações de reciprocidade na comunidade – R\$ 3.635,00). No lado direito do diagrama são representados os produtos e também são reproduzidos três gráficos de barras: produtos vendidos (produção comercializada – R\$ 13.771,00), produtos consumidos (autoconsumo pelo núcleo social de gestão do agroecossistema – R\$ 2.870,50) e produtos doados (saída por reciprocidade – R\$ 2.870,50).

No diagrama-síntese, dois índices chamam a atenção: o índice de mercantilização e a rentabilidade monetária. Maiores índices de mercantilização indicam que parte importante do trabalho de reprodução no agroecossistema é externalizado e que a manutenção e a contínua ampliação da base de recursos autocontrolada são aspectos secundários no planejamento do processo de trabalho. Enquanto que maior campesinidade significa menores índices de mercantilização e incorpora também objetivos de médio e longo prazos relacionados à ampliação da base de recursos autocontrolada e ao aprimoramento da eficiência técnica do processo de conversão.

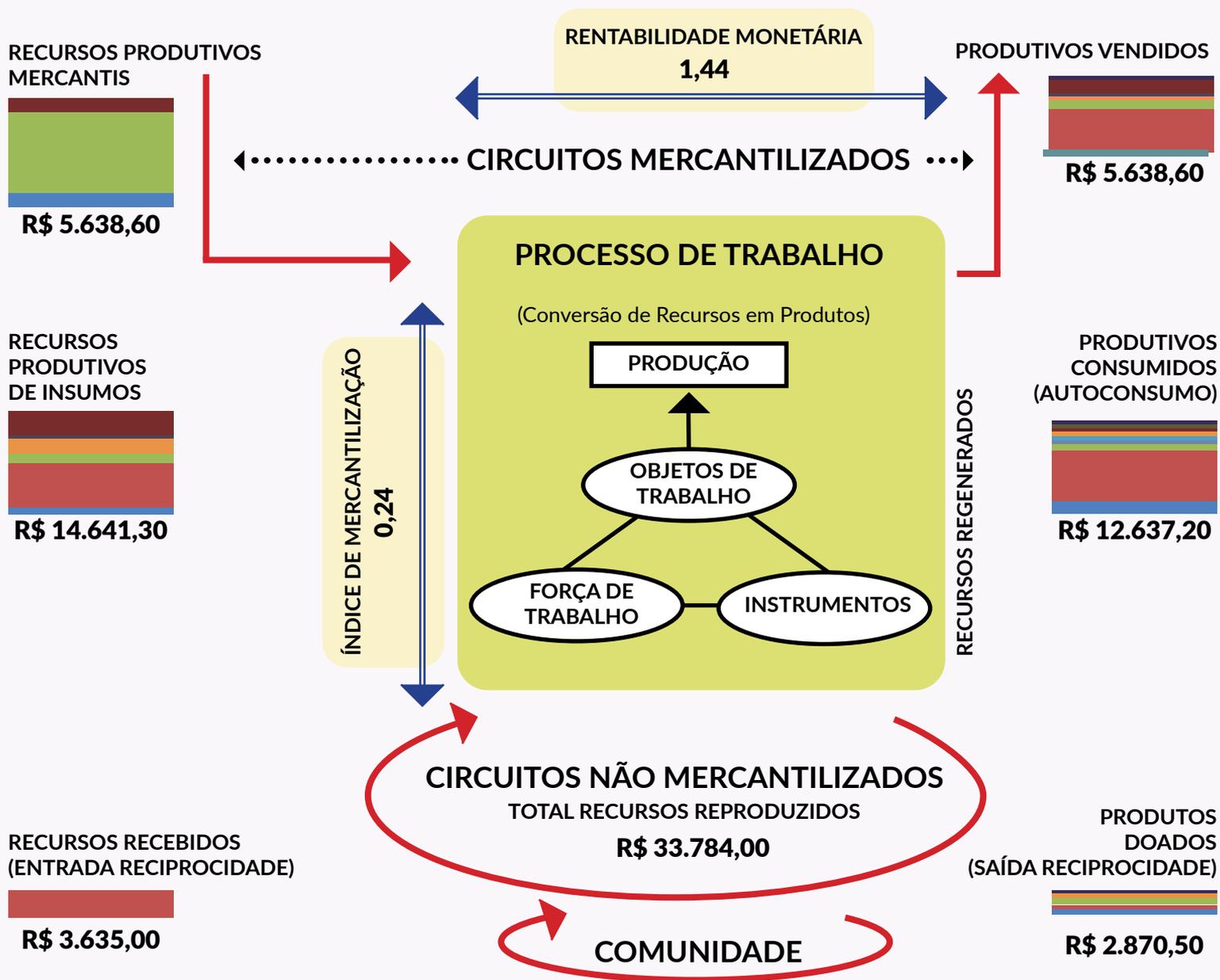


Figura 1 - Diagrama síntese obtido da análise do método LUME.

Diagrama adaptado.  
PLOEG, 2005 - AS-PTA.

A partir de uma análise comparativa em duas situações experimentadas, na situação com a presença do subsistema SAF esse índice ficou em 0,24, ao passo que, na situação sem SAF, cresceu para 0,36, o que permite concluir que os SAFs conseguem reduzir a dependência do agroecossistema em relação aos mercados de insumos e serviços.

Por sua vez, o índice de rentabilidade monetária equivale à renda agrícola monetária recuperada por unidade de custo monetário investido na produção. O indicador não se aplica quando não há custo monetário, pois a renda é igual ao valor agregado. No caso do agroecossistema de Valmira, Edson, Emily e Bento, esse índice alcançou 1,44 na situação com SAF e foi menos eficiente na situação sem SAF, chegando a 1,31 apenas.



## CONCLUSÕES

A crise agrícola-ecológica instalada, resultante do fracasso do paradigma dominante de desenvolvimento e das estratégias de desenvolvimento convencionais, revelou-se fundamentalmente limitada em sua capacidade de promover um desenvolvimento equânime e sustentável. Não foi capaz nem de atingir os mais pobres, nem de resolver o problema da fome, da desnutrição ou as questões ambientais. As famílias agricultoras perderam sua autonomia pela dependência dos insumos industriais, além do que as monoculturas promoveram a devastação ambiental.

A expansão do conhecimento e o uso dos sistemas agroflorestais resgatam o saber acumulado das famílias agricultoras, a partir da compreensão da dinâmica de ciclos naturais e da sucessão de espécies, resultando em uma agricultura regenerativa. Por outro lado, a agroecologia tem ampliado os instrumentos e métodos de monitoramento e análise de agroecossistemas, a exemplo do método Lume, extremamente qualificado e adaptado para avaliar e monitorar os avanços da agricultura de base ecológica.



Treinamento de técnicos e técnicas do Projeto na metodologia Lume. Foto: Gabriela Queiroz



Confira o depoimento da jovem Emily Silva, no qual ela avalia o método e reflete sobre os resultados aferidos junto à sua família.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PETERSEN, Paulo et al. Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2017. Disponível em: <https://aspta.org.br/2015/05/25/metodo/>. Acesso em: 2 maio 2023.

PETERSEN, Paulo et al. Método de análise econômico-ecológico. Rio de Janeiro: AS-PTA - Agricultura Familiar e Agroecologia, 2021. Disponível em: <https://aspta.org.br/2015/05/25/metodo/>. Acesso em: 25 maio 2023.

SABOURIN, E. Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro. Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas, [S. l.], n. 20, p. 41-49, 1999.

07

# Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia



Valterly Souza Rodrigues, comunidade Macaúbas - Miguel Calmon (BA). Foto: Manuela Cavadas.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

### Trajetórias de comunicação inclusiva e popular no âmbito do Projeto Pró-Semiárido

*Trajectories of inclusive and popular communication within the Pro-Semiarid Project*

ANDRADE, Elka Kelly de Macêdo<sup>1</sup>; QUEIROZ, Aline Andrade<sup>2</sup>;  
VIEIRA, Lorena<sup>3</sup>.

### RESUMO

No Pró-Semiárido, Projeto de Desenvolvimento Rural e Combate à Fome executado pelo Governo da Bahia com cofinanciamento do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), a Assessoria de Comunicação não ocupa apenas um papel de mediação entre as necessidades de materiais de divulgação e a execução dessas demandas, mas está alinhada com as ações dos diversos componentes para contribuir de forma estratégica na concepção dos produtos, bem como no entendimento das necessidades do Projeto e na disseminação de suas boas práticas. Deste modo, estar nessa posição tem permitido à área de comunicação trocar ideias, sugerir alternativas para interagir com os públicos que se quer atingir, de forma mais alinhada com os objetivos estratégicos do Projeto, por meio de ações voltadas à gestão do conhecimento, disseminação e divulgação.

**Palavras-Chave:** Agroecologia; Comunicação Popular; Agricultura Familiar; Parceria.

**Keywords:** Agroecology; Popular Communication; Family Farming; Partnership.

---

<sup>1</sup> Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional da Bahia, elkaandrade@car.ba.gov.br; <sup>2</sup> alinequeiroz@car.ba.gov.br;

<sup>3</sup> lorenavieira@car.ba.gov.br.

## CONTEXTO

A comunicação é um dos eixos estratégicos do Pró-Semiárido. É por meio dela que é possível visibilizar as boas práticas que estão sendo executadas pelas famílias agricultoras em comunidades rurais nos 32 municípios do Semiárido baiano atendidos pelo Projeto. Essa comunicação se pauta, ainda, no exercício de destacar o protagonismo dos sujeitos que têm mostrado que a região, por vezes vista como pobre e improdutiva, é um lugar rico de possibilidades e cheio de oportunidades.

Para mostrar também que é possível, por meio de práticas simples e tecnologias sociais descentralizadas e de baixo custo, como a instalação de cisternas de placas para captação de água da chuva, produzir uma infinidade de alimentos que garantem o direito humano à alimentação e a geração de renda

Soberanos sobre aquilo que produzem, mulheres, jovens e homens são exemplos de que iniciativas como as do Pró-Semiárido, baseadas nos princípios agroecológicos e na convivência com a semiaridez, transformam vidas. E são essas histórias de superação que pautam a nossa comunicação, no sentido de disseminar as ações exitosas e, sobretudo, de fomentar a autoestima dessas agricultoras e agricultores.

Neste sentido, a comunicação assume papel estratégico, sendo instrumento fundamental para o alcance de resultados, também econômicos e operacionais. Pensando nesta comunicação emancipadora e plural, o Projeto adota como três pilares essenciais às suas práticas: Difusão, Gestão do Conhecimento e Educomunicação.

As ações estão em curso nos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco, Piemonte Norte do Itapicuru, Sisal, Bacia do Jacuípe e Piemonte da Diamantina desde 2016, mas lançou um olhar mais estratégico para a comunicação a partir de 2019. E, no ano de 2020, com a crise provocada pela pandemia da covid-19, as estratégias de comunicação e as diversas possibilidades apontadas pela área tiveram na centralidade a inovação para garantir a continuidade das ações de forma virtual.





Tecnologias sociais – cisterna de consumo, cisterna de produção e sistema de bioágua.  
Foto: Arquivo Pró-Semiárido/CAR/Fabio Arruda

Nesta conjuntura, na execução do Projeto, a comunicação foi sendo moldada e se estabeleceu com seu caráter transversal, estratégico e essencial para a construção do conhecimento, visibilidade e registro das ações, metodologias e ferramentas adotadas pelo Pró-Semiárido ao longo de sua execução e, sobretudo, acerca dos resultados que despontam dessa trajetória

Vale salientar que o Projeto se pauta em iniciativas baseadas nos princípios da agroecologia e da convivência com o Semiárido. Para tanto, entendendo que a agroecologia é a “ciência do lugar” e, portanto, uma forma de vida, o Pró-Semiárido atua construindo conhecimento a partir de ações voltadas para a transição agroecológica; equidade de gênero; protagonismo das juventudes; implantação de tecnologias sociais; recuperação de áreas degradadas de Caatinga; fortalecimento de capacidades das pessoas por meio de formações e Assessoramento Técnico Contínuo (ATC), dentre outras.

Todas as ações estão alinhadas com as demandas das famílias agricultoras, as quais participaram da elaboração dos Planos Territoriais de Desenvolvimento e Investimento para suas comunidades. Pela capacidade de integração de ações visando o combate à pobreza e o desenvolvimento rural, desde 2019, o Pró-Semiárido está entre os três primeiros colocados na avaliação de boa gestão e boas práticas de projetos apoiados pelo FIDA no mundo.

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Ao olhar para a realidade da execução de projetos de desenvolvimento rural no Semiárido brasileiro e, neste caso específico, do Pró-Semiárido na Bahia, reconhecer o papel dos diferentes atores na construção da comunicação e consequente troca de saberes é essencial para assegurar que haja um processo de disseminação e gestão do conhecimento que valorize e projete as diferentes vozes envolvidas diretamente na ação.

Deste modo, excluimos o prefixo “*des*” da palavra “*desenvolvimento*” e possibilitamos que o envolvimento das pessoas garanta a boa execução das ações em campo e a eficácia no fazer comunicação. Um bom exemplo são as produções de cartilhas e vídeos sobre ações e resultados do Projeto. Os materiais são produzidos à luz do olhar de quem vive o dia a dia junto às comunidades que estão recebendo a atuação direta do Projeto.

As boas práticas são apontadas em conjunto com as equipes de campo. Assim, subcoordenadores, assessores, supervisores de campo das áreas produtiva, social e financeira são importantes parceiros na sugestão e mobilização de famílias e parceiros que podem compor, como articuladores/as ou personagens, os materiais de comunicação.



Publicações do Projeto Pró-Semiárido.  
Foto: Danilo Souza

Isso só é possível porque a gestão do Pró-Semiárido entendeu a importância de ter uma equipe de comunicação descentralizada com profissionais alocados em escritórios locais do Projeto, o que permite, a partir da proximidade espacial, uma visão mais holística sobre as diferentes ações em campo, suas ramificações e intersecções, bem como converge para uma relação de confiança e escuta pedagógica das equipes no cotidiano de trabalho.

Vale destacar a opção do núcleo gestor do Projeto por um processo pedagógico-metodológico de sistematização das ações e metodologias que inclui diretamente a equipe de campo (técnicos e técnicas) e parceiros na escrita das publicações. Embora envolva um passo-a-passo com muitas idas e vindas, a escolha permite que a construção do conhecimento se estabeleça e se fortaleça de forma horizontalizada e colaborativa.

Neste contexto, o envolvimento da assessoria de comunicação permitiu, além das trocas de conhecimento, um olhar estratégico para objetivos, os produtos e públicos-alvo. Isso permitiu, por exemplo, estimar formato e tiragem mais assertivos para materiais impressos, contribuindo assim para uma disseminação efetiva.

Como referência de produção colaborativa, cabe trazer a publicação da Revista “Agentes Comunitários Rurais: protagonismos, trajetórias e impactos da atuação das Juventudes do Semiárido baiano”. Com uma linguagem mista, a publicação buscou agregar as diversas linguagens de domínio dos ACRs que se dispuseram a contribuir. A revista mescla literatura de cordel,



Foto: Manuela Cavadas.



## CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DE BIODIGESTOR

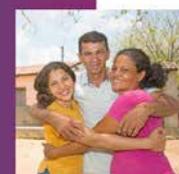


## SISTEMAS DE TRATAMENTO DE ESGOTO E REÚSO AGRÍCOLA

UMA CONTRIBUIÇÃO AO SANEAMENTO BÁSICO RURAL

## Combate à violência doméstica

Pelo fim da violência:  
em defesa dos direitos  
das mulheres



## CADERNO Pró-Semiárido

## LUZES NO SERTÃO

Trajatórias de Emancipação Social na Agricultura  
Familiar do Semiárido da Bahia - Efeitos do Projeto  
Pró-Semiárido segundo o método Lume



Edição 03 - Ano 03 - Março/2012

Imagem: capas de algumas publicações  
produzidas pelo Pró-Semiárido.

relatos de experiências e artigos nos quais eles e elas se propuseram a sistematizar boas práticas de famílias agricultoras e grupos de suas comunidades, além de refletir sobre sua própria prática, expondo desafios e benefícios da profissão.

Sobre a participação na publicação, a jovem Agente Comunitária Rural, Izabel Silva, da comunidade Tigre, município de Caém, destaca: “Quando surgiu a proposta de escrever os textos, eu logo me interessei em participar. Eu logo pensei, vou me arriscar, e isso me deixou entusiasmada para escrever, já tinha em mente o tema sobre o envolvimento das juventudes com o empoderamento das mulheres também. Foi um processo muito gratificante, principalmente nas entrevistas. Nós fomos nas casas das pessoas, tivemos um diálogo aberto e isso facilitou muito para que a escrita fluísse. Esse processo de escrever nossas ideias foi muito gratificante e fortaleceu a ideia de continuarmos mostrando para a comunidade, para a juventude o quanto elas são importantes”.

Izabel escreveu o artigo com o título: "Participação política da juventude no processo de construção da tecnologia social/cisterna de produção: com vista ao protagonismo das mulheres da comunidade Tigre, município de Caém".

O trabalho colaborativo assegurou o registro de ações e a cobertura de temas que evidenciam as diversas áreas de atuação do Pró-Semiárido, seja na produção de textos para os sites institucionais, notas, fotos e vídeos para redes sociais, ou mesmo nos *releases* enviados à imprensa.

## RESULTADOS

Destarte, pensar a comunicação não apenas como meio, mas como estratégia política para incentivar o empoderamento e a autonomia dos sujeitos, visibilizar e projetar vozes a partir de suas boas práticas é imprescindível para a mobilização social em torno da defesa do Semiárido como espaço de riqueza e potencialidades.

Além disso, o exemplo do Pró-Semiárido revela que os investimentos em equipes e a flexibilidade e incentivo à produção colaborativa permitem não apenas um processo rico de gestão do conhecimento, mas também o registro de metodologias e práticas sustentáveis e replicáveis. Isso reforça a necessidade de governos, organizações, redes e articulações investirem em comunicação, entendendo que esta não é feita apenas pelos profissionais formados na área, mas que sua efetividade se dá de forma mais assertiva quando há um processo de corresponsabilização de todos.



Distribuição de publicações durante o II Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade realizado em dezembro de 2022, no município de Jacobina (BA). Foto: Mari Santos



Acesse a publicação **Agentes Comunitários Rurais: protagonismos, trajetórias e impactos da atuação das juventudes do Semiárido baiano.**



## AGRADECIMENTOS

Às famílias agricultoras do Semiárido baiano, à equipe do Pró-Semiárido; aos técnicos e técnicas das entidades parceiras de Ater; ao Governo da Bahia por meio da Secretaria de Desenvolvimento Rural e da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) e ao Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA).



Saiba mais sobre as estratégias de comunicação do Pró-Semiárido.





Enilson Santos Silva, agricultor da comunidade Serrinha das Imagens, Casa Nova (BA). Foto: Manuela Cavadas



Foto: Manuela Cavadas



SECRETARIA DE  
DESENVOLVIMENTO RURAL



ISBN 978-65-996551-7-3



[www.sdr.ba.gov.br](http://www.sdr.ba.gov.br)  
[www.car.ba.gov.br/prosemiarido](http://www.car.ba.gov.br/prosemiarido)

SALVADOR: Av. Viana Filho, Conjunto SEPLAN - CAB, CEP: 41.745-000. Tel: (71) 3115-6762  
JACOBINA: Rua Mairi, 04, Centro. CEP: 44.700-000. Tel: (74) 3621-3128  
SENHOR DO BONFIM: Av. da Agricultura, s/n - antigo Derba. CEP: 48.970-000. Tel: (74) 3541-7521  
JUAZEIRO: R. Engenheiro Viana, nº 7, Casa. Bairro: Country Club / CEP: 48.902-325. Tel: (74) 3611-3933